

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação Social

Carolina da Silva Fernandes

**A PERCEPÇÃO DE TELEJORNAIS POR ESPECTADORES SURDOS:  
desafios para a inclusão**

Belo Horizonte

2017

Carolina da Silva Fernandes

**A PERCEPÇÃO DE TELEJORNALIS POR ESPECTADORES SURDOS:  
desafios para a inclusão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Machado Pinto

Área de concentração: Interações Midiáticas

Linha de pesquisa: Linguagem e Mediação Sociotécnica

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F363p Fernandes, Carolina da Silva  
A percepção de telejornais por espectadores surdos: desafios para a inclusão / Carolina da Silva Fernandes. Belo Horizonte, 2017.  
87 f.:il.

Orientador: Julio Cesar Machado Pinto  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

1. Telejornalismo. 2. Surdos - Meios de comunicação. 3. Surdez. 4. Percepção. 5. Língua brasileira de sinais. 6. Interpretação de imagens. I. Pinto, Júlio Cesar Machado. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 362.42

Carolina da Silva Fernandes

**A PERCEPÇÃO DE TELEJORNAIS POR ESPECTADORES SURDOS:  
desafios para a inclusão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Machado Pinto

Área de concentração: Interações Midiáticas

Linha de pesquisa: Linguagem e Mediação Sociotécnica

---

Prof. Dr. Julio Cesar Machado Pinto - PUC Minas (Orientador)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Ângela Mattos - PUC Minas (Banca examinadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flavia Affonso Mayer - UFMG (Banca examinadora)

Belo Horizonte, 20 de dezembro de 2017.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e ao nosso Mestre Jesus.

Aos meus pais pelo suporte e incentivo aos estudos.

Ao meu marido Felipe pelo apoio, compreensão e tamanha ajuda.

Ao professor Julio Pinto (pai máster) por acreditar em minha pesquisa antes mesmo do meu ingresso ao PPGCom. Agradeço a disponibilidade, generosidade em compartilhar seu conhecimento e orientação inspiradora.

Aos demais professores do programa, que, por meio das disciplinas, me apresentaram novos olhares sobre este estudo.

À Flávia Mayer pelas inúmeras contribuições e conselhos.

Ao professor Mozahir pelas revisões finais e disponibilidade em me ajudar.

À Adriana Horta e à Maria Ângela Mattos (Dedé) pelas observações e sugestões de leitura.

Aos colegas de sala pelo compartilhamento de experiências e reflexões, em especial às amigas Eliane e Marina.

Ao professor Luciano Ribeiro (do Uni-BH) pelas contribuições iniciais.

À Gislaine, intérprete de Libras, que bondosamente abraçou minha pesquisa.

Aos participantes voluntários do grupo focal pela disposição em construir novas perspectivas a respeito do público surdo.

Ao Instituto Ester Assumpção, que me fez olhar por outro ângulo o tema deficiência.

## RESUMO

Esta dissertação dedicou-se a reflexões sobre processos de percepção por parte de pessoas surdas com relação às notícias veiculadas em telejornais. Nesse sentido, o trabalho se desenvolveu a partir da compreensão acerca das características e contexto histórico dos surdos a fim de entender a cultura surda e seu hibridismo, bem como as formas de comunicação desse público, sobretudo especificidades da Língua Brasileira de Sinais. Além disso, foram abordados temas como percepção sob o ponto de vista da semiótica peirceana, códigos da linguagem televisiva, relação entre sons e imagens, telespectador idealizado, processos de codificação e decodificação das mensagens, tradução, tradução intersemiótica, janela de Libras e *closed caption*. Como forma de abordagem empírica, foram apresentados e analisados depoimentos de dois grupos focais realizados com surdos oralizados e não oralizados, que assistiram reportagens do Jornal Nacional, da emissora Rede Globo, e do Visual, da TV Brasil. Por meio das discussões foi possível levantar novos pontos de vista com relação à acessibilidade do telespectador surdo no que se refere aos processos de percepção das notícias. Nesse contexto, é enfatizada a potencialidade da imagem quanto aos sentidos noticiados quando a mesma está veiculada a uma função verbal (com direcionamentos discursivos), sendo necessária uma reestruturação dos códigos da linguagem televisiva a partir de aproximações e diálogo com o outro e compartilhamento de experiências e traços culturais.

Palavras-chave: Telejornalismo. Surdez. Percepção. Janela de Libras. *Closed caption*.

## **ABSTRACT**

This dissertation was dedicated to reflections on the processes of perception by deaf people about the news published in television news. In this sense, the work developed from an understanding of the characteristics and historical context of deaf people in order to understand the deaf culture and its hybridity, as well as the forms of communication of this public, especially specificities of the Brazilian Sign Language. In addition, topics such as perception from Peircean semiotics, codes of television language, relation between sounds and images, idealized viewer, processes of codification and decoding of messages, translation, intersemiotic translation, Libras window and closed caption. As a form of empirical approach, testimonies of two focal groups conducted with deaf people oralized and not oralized who watched reports from Jornal Nacional, Rede Globo, and Visual, TV Brasil. Through the discussions it was possible to raise new points of view regarding the accessibility of the deaf viewer in relation to the processes of perception of news. In this context, it is emphasized the potentiality of the image regarding the senses reported when it is transmitted to a verbal function (with discursive directives), being necessary a restructuring of the codes of the television language from approaches and dialogue with the other and sharing experiences and cultural traits.

**Keywords:** Telejournalism. Deafness. Perception. Libras window. Closed caption.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - As 75 configurações de mão em Libras .....	28
FIGURA 2 - Pontos de articulação das palavras em Libras .....	28
FIGURA 3 - Exemplo de movimento dos sinais .....	29
FIGURA 4 - Exemplo de verbo simples .....	30
FIGURA 5 - Exemplo de verbo que concorda com pessoa .....	31
FIGURA 6 - Exemplo de verbo classificador .....	31
FIGURA 7 - Exemplo de verbo com concordância de localização .....	32
FIGURA 8 - Exemplo de verbo espacial .....	32



## LISTA DE FOTOS

FOTO 1 - Transmissão do Visual com intérprete de Libras .....	46
FOTO 2 - Apresentação do Visual com Claudia Jacob .....	51
FOTO 3 - Apresentação do Visual com Claudia Jacob e Jhonatas Narciso .....	51
FOTO 4 - Apresentação do JN .....	54
FOTO 5 - Reportagem do Visual sobre o mascote Vinícius .....	58
FOTO 6 - Reportagem do JN com <i>closed caption</i> ativado .....	59

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - Quadro analítico de percepção dos participantes .....	74
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CC *Closed caption*

FENEIS Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

INES Instituto Nacional de Educação de Surdos

JN Jornal Nacional

Libras Língua Brasileira de Sinais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A SURDEZ E A LÍNGUA DE SINAIS .....</b>	<b>14</b>
2.1 Língua e linguagem .....	14
2.2. Surdez .....	17
2.3 A percepção sob o ponto de vista da semiótica peirceana .....	20
2.4 Cultura Surda .....	22
2.5 Da exclusão à inclusão.....	23
2.5.1 <i>No Brasil</i> .....	25
2.6 Formas de comunicação das pessoas surdas .....	26
<b>3 TELEJORNALISMO E RECURSOS DE ACESSIBILIDADE.....</b>	<b>34</b>
3.1 Os códigos da linguagem televisiva .....	34
3.2 Relação entre imagens e sons no telejornalismo.....	37
3.3 Algumas características dos telejornais .....	38
3.4 Codificação e decodificação das mensagens.....	39
3.5 Recursos de acessibilidade .....	41
3.5.1 <i>Legenda oculta</i> .....	41
3.5.2 <i>Janela de Libras</i> .....	45
<b>4 JN E VISUAL SOB A PERSPECTIVA DO TELESPECTADOR SURDO .....</b>	<b>49</b>
4.1 Os telejornais analisados .....	50
4.1.1 <i>O Visual</i> .....	50
4.1.2 <i>O Jornal Nacional</i> .....	53
4.3 O primeiro encontro .....	56
4.4 O segundo encontro .....	61
4.4.1 <i>Os participantes do grupo focal</i> .....	62
4.4.2 <i>As reportagens</i> .....	65
4.5 A análise .....	67
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE A - Questionário sobre o participante do grupo focal .....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE B - Questionário semiestruturado aplicado após a exibição das reportagens .....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O termo inclusão de pessoas com deficiência tem sido discutido em nossa sociedade, sobretudo depois de 2000, por meio da Lei nº 10.098 (BRASIL, 2000), que estabelece prazos e determina normas gerais voltadas para a acessibilidade no Brasil em diversos setores, como em projetos arquitetônicos, de comunicação, de transporte coletivo, entre outros. Contudo, quando essa lei é aplicada aos meios de comunicação, principalmente com relação aos telejornais, é nítido como ainda é um assunto que precisa ser debatido, desenvolvido e amadurecido, já que os programas são produzidos para um público idealizado (ouvinte e vidente) – como veremos posteriormente.

Por isso, promover acessibilidade na programação televisiva é mais do que apenas um meio facilitador, é oferecer condições mínimas para os telespectadores se manterem informados – independentemente do contexto no qual estão inseridos, atendendo necessidades de grupos sociais distintos. Para tanto, este trabalho pretende contribuir para uma compreensão acerca do telespectador surdo, levando em conta o conceito de inclusão social, utilizado por Aranha (2001), sob o viés de ser uma filosofia que aceita e reconhece as diferenças na vida e na sociedade, assegurando o acesso de todos a oportunidades. Dessa forma, o termo inclusão está diretamente ligado ao princípio de igualdade – principal suporte de uma sociedade justa e democrática.

Nesse contexto, a questão central é como os telespectadores surdos oralizados, (aqueles que têm conhecimento sobre o idioma oral de seu país, neste caso a Língua Portuguesa, e sua primeira língua – Língua Brasileira de Sinais, a Libras) e indivíduos não oralizados, que se comunicam apenas pela comunicação visual, percebem as notícias veiculadas em telejornais.

Assim, o que me motivou a escolher o tema foi o fato de, atualmente, trabalhar no Instituto Ester Assumpção, uma organização sem fins lucrativos voltada para pessoas com deficiência. Por já ter experiência em televisão (trabalhei alguns anos na TV Betim, afiliada da Rede Minas), o questionamento “como as pessoas surdas recebem e interpretam as notícias veiculadas nos telejornais” surgiu quando comecei a desenvolver vídeos com recursos de acessibilidade para o público com deficiência. Somando-se a isso, participei do grupo de pesquisa intitulado “A tradutibilidade do sensível”, ligado à PUC Minas, sob a orientação do professor Julio Pinto.

Acredito que a discussão sobre inclusão social nos impõe o desafio de encontrar mecanismos que garantam o direito de todos à informação. Levando isso em conta, este

estudo se inicia com o capítulo *A surdez e a língua de sinais*, que distingue os conceitos de língua e linguagem, baseando em autores como Plaza (2003), Saussure (1988), Quadros e Karnopp (2004), Watzlawick, Beavin e Jackson (1989), além de desenvolver a relação entre surdez e cultura com Hall (2003), Bakhtin (1995), Padden e Humphries (1988).

Para contextualizar as discussões sobre a surdez, apresento quatro modelos de conceituação que envolvem a deficiência, de modo geral, com Enfield e Harris (2003). Posteriormente, explico a percepção sob o ponto de vista da semiótica peirceana com Santaella (1993) e Pinto (1995, 2009). Explico também as especificidades da surdez com o propósito de entender a cultura surda, que é desenvolvida, em seguida, com o auxílio dos autores Sacks (1998), Skliar (1998), Strobel (2008), Bisol e Valentini (2011). A pesquisadora Perlin (1998) complementa o tema, mencionando identidades consideradas híbridas.

Com o objetivo de apresentar o processo histórico vivido pelas pessoas surdas desde a Idade Antiga até os dias de hoje, recorri aos autores Dias (2006), Felipe (2007), Schlünzen, Benedetto e Santos (2017). Algumas particularidades da Libras também são explicadas de maneira resumida por meio dos trabalhos de Quadros (2004, 2008), Karnopp (2004), Pizzio e Rezende (2008) a fim de se compreender a estrutura sintático-semântica, bem como variações e regras gramaticais que se diferenciam da língua oral. Abordo também a relação entre educação e inclusão sob a perspectiva do bilinguismo com as pesquisas de Moura (2000), Lima (2006) e Brito (1993).

O capítulo *Telejornalismo e recursos de acessibilidade* diz respeito aos estudos de comunicação televisiva, levando em conta os códigos emitidos que dão sentido às mensagens (ECO, 1993). É discutida também a relação entre imagens e sons no telejornalismo, com base em autores como Plaza (2003), Coutinho (1991), Duarte e Curvello (2009). Além disso, menciono outras características do telejornalismo brasileiro, que é produzido e pensado em um telespectador idealizado, conforme afirmam Eco (1983) e Preti (1991). Diante desse contexto, esclareço o processo entre a codificação e a decodificação das mensagens com base em Hall (2003). Em seguida, descrevo o *closed caption* (legenda oculta) e a janela de Libras como recursos de acessibilidade oferecidos aos telespectadores surdos e suas possíveis falhas, além de envolver conceitos sobre tradução e tradução intersemiótica (PLAZA, 2003) para dar consistência aos argumentos.

O último capítulo analisa como os telespectadores surdos oralizados e não oralizados percebem as notícias veiculadas em dois telejornais por meio de um estudo de recepção. Dessa forma, foi relatada uma primeira experiência empírica, na Associação dos Surdos de Contagem, com um grupo heterogêneo composto por cinco surdos. Na ocasião, o grupo

assistiu uma reportagem do Jornal Nacional (sem a legenda e, em seguida, com o recurso ativado sobre o mesmo conteúdo) e uma do Visual. A escolha do primeiro se deu pelo fato de ser o programa da emissora de televisão aberta mais assistida pelos brasileiros, a Rede Globo (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2016). O segundo telejornal escolhido foi o Visual, da emissora TV Brasil, que é o pioneiro a ter um intérprete da Língua Brasileira de Sinais durante todo o conteúdo transmitido.

Posteriormente, desenvolvo um segundo encontro com outras seis pessoas com surdez profunda (congenita e adquirida), homens e mulheres, que vivem em Belo Horizonte e/ou região metropolitana, e que possuem níveis de escolaridade diferentes. Assim, a proposta foi exibir seis reportagens dos dois telejornais citados, sendo três vídeos do Jornal Nacional (sem o *closed caption* e, em seguida, com o recurso acerca do mesmo material apresentado) e três do Visual.

Os telespectadores surdos se reuniram na Igreja Batista Getsêmani BH, em Belo Horizonte/MG, no dia 30 de setembro de 2017. Por meio dos vídeos exibidos, eles foram instigados a refletir sobre a programação telejornalística tendo como base os programas referenciais para a discussão, como é a relação deles com a televisão e os recursos de acessibilidade, além de falar sobre as dificuldades apresentadas na compreensão das mensagens veiculadas.

Os encontros foram gravados em um equipamento de captação de vídeo e o segundo experimento foi transcrito para a realização da análise de conteúdo, que é de suma importância para entender como o público em questão percebe as notícias veiculadas. Destaco que a pesquisa é qualitativa, porque privilegia o conteúdo dos discursos, focando em um número menor de pessoas sem ter a preocupação de realizar uma amostra mensurável estatisticamente. Além disso, a entrevista teve caráter semiestruturado, compreendendo questões mistas com a finalidade de ajustar as perguntas aos indivíduos e/ou as circunstâncias.

## 2 A SURDEZ E A LÍNGUA DE SINAIS

### 2.1 Língua e linguagem

É senso comum dizer que tanto o ser humano quanto os animais possuem como característica a capacidade da linguagem. A diferença entre os dois está ligada à maneira como o pensamento se estrutura e se organiza. Plaza (2003) afirma que o pensamento é uma tradução formada por signos<sup>1</sup> e para que ele se manifeste se faz necessária a linguagem, possibilitando a troca de mensagens entre o homem e o ambiente em que vive. Conforme o autor, pensamento e linguagem não se separam, visto que “o pensamento influencia a linguagem e esta incide sobre o pensamento.” (PLAZA, 2003, p.18).

Diferentemente da comunicação dos animais, a nossa linguagem é convencional e possui maior grau de complexidade no que diz respeito à organização dos signos, isto é, por meio de um sistema de regras entramos em um acordo sobre o significado das palavras e conseguimos nos comunicar. Para Quadros e Karnopp (2004), a língua é um conjunto de signos compartilhados por um grupo e se insere dentro da linguagem, que, por sua vez, vai além do idioma e abarca qualquer forma de comunicação, incluindo a manifestação de intenção comunicativa, como a linguagem televisa, por exemplo.

Saussure (1988) explica que a língua é um produto social que pode ser percebida como um conjunto de signos que dão um significado às coisas. Desse modo, a língua é uma convenção aceita pela coletividade e não é algo pronto. Ela nasce a partir de acordos estabelecidos historicamente e sentidos que estão sempre em negociação. Saussure (1988) afirma também que o importante na língua são os sentidos que as palavras podem ter e não a “materialidade” dos sons, já que quando uma pessoa ouve o som de uma palavra, seu significado não reside nesse som. Dito de outra forma: os ruídos não carregam elementos

---

<sup>1</sup> Segundo Pinto (2009, p.4), o signo é “qualquer objeto que esteja no lugar de (fala de, substitui, representa, produz, etc.) outro objeto e, ao fazer isso, elicita um objeto análogo, *mas não igual*, que está no lugar de (fala de, substitui, representa, produz, etc.) aquele segundo objeto da mesma maneira que o primeiro objeto o faz”. Dessa maneira, o signo (o primeiro) é como um sujeito em relação ao objeto (o segundo) para seu interpretante (o terceiro, isto é, o conteúdo da interpretação). Então, seguindo o pensamento peirceano, o signo possui três categorias: a primeira ou primeiridade, a segunda ou secundidade e a terceira ou terceiridade. A primeira é a qualidade potencial que encontramos em um objeto fora de nós ou que conferimos a tal objeto ou uma ideia de sentimento espontâneo, original. São as primeiras sensações, qualidades. A segunda ou secundidade se refere ao momento em que nossos sentidos respondem à primeira ideia, correspondendo a uma experiência que nos faz mudar a percepção sobre ela mesma, como a dúvida, a força etc. Desse modo, a segunda está no âmbito do “atual”, do visto, do sentido. Já a terceira (ou terceiridade) é o pensamento, o ato de tradução em linguagem, a reflexão. Isto é, a terceiridade é a mediação entre a primeira e a segunda.



suficientes para gerar significados. O que se compreende da imagem acústica<sup>2</sup> é a parte materializável da estrutura que resulta do envolvimento desse som com a dimensão do pensamento, levando a acreditar que é essa dimensão perceptível que possui os significados das palavras. E esses significados são dados pela coletividade.

Vale ressaltar que os cinco sentidos do ser humano (audição, paladar, tato, olfato e visão) podem se tornar canais para que as palavras se expressem e gerem significados. Como a comunicação se dá por meio do compartilhamento de um código em comum, podemos exemplificar, grosso modo, que o som está diretamente ligado à língua oral-auditiva, ao passo que a língua espaço-visual se associa aos gestos e expressões faciais.

De acordo com os autores Watzlawick, Beavin e Jackson (1989), tanto elementos orais quanto visuais compõem um discurso que se utiliza da comunicação verbal como base, porque, durante o processo de interação, os interlocutores envolvidos contam com elementos não-verbais, como gestos, expressões faciais, postura etc. a fim de auxiliar a troca de mensagens. Por isso, é importante destacar que elementos não-verbais fazem parte do processo comunicativo e são realizados por pessoas que se baseiam em um código linguístico, dando sentido aos movimentos.

A interação entre interlocutores não acontece apenas por meio de sons advindos da fala e percepção de mundo através de um sistema composto por ruídos sonoros que fazem sentido para quem é ouvinte. A comunicação gestual também deve ser considerada, já que pode dizer a mesma coisa (ou até mais) que as palavras.

Para as pessoas surdas, gestos e expressões corporais fazem parte de um sistema de códigos em comum – a língua de sinais possui regras gramaticais admitidas por indivíduos surdos, como veremos posteriormente. Desse modo, o idioma surge a partir de conhecimentos e experiências vividas, perpassando por questões sociais, culturais e históricas. Diante dessa organização estruturada do pensamento é que nós desenvolvemos e estabelecemos as relações sociais e, por conseguinte, a cultura.

Para Stuart Hall (2003), a cultura é formada por instituições culturais, representações e significações, além de ser influenciada pelos discursos da coletividade. Nesse sentido, Bakhtin (1995) observa que a sensação de pertencer à determinada cultura vem a partir da interação verbal<sup>3</sup>, com o diálogo, portanto, com a comunicação. Sob essa perspectiva, a

---

<sup>2</sup> Diferentemente dos ruídos, a imagem acústica vem carregada de alguma representação, tendo um significado. Por exemplo: se uma pessoa ouve uma palavra que desconhece seu significado, essa palavra é considerada ruído. Entretanto, se ela sabe o que o termo significa: é imagem acústica.

<sup>3</sup> Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (1995) não menciona a comunicação espaço-visual das pessoas surdas. No entanto, recorri ao autor, porque ele se baseia na lógica de interação entre interlocutores.

cultura pode ser considerada híbrida e em formação contínua, pois está diretamente relacionada à sociedade, em negociação com as pessoas, bem como com as línguas, traços históricos, biológicos, entre outras questões.

O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade (HALL, 2003, p. 74).

O hibridismo é, portanto, um processo no qual a pessoa percebe que a sua identidade é reformulada a todo o momento, havendo diferenças culturais e misturas em níveis distintos, como podemos citar as diferenças entre a deficiência auditiva e a surdez (que explicaremos depois). Além disso, a sociedade dialoga com várias culturas.

Assim, a pessoa surda desenvolve a língua de sinais segundo o ambiente em que vive, levando em conta suas experiências visuais, que podem provocar processos comunicativos e culturais diferentes dos previstos pela sociedade que é norteada pelo som. De acordo com esse pensamento, a cultura surda pode ser compreendida como híbrida e em frequente negociação com as outras culturas, como as orais, por exemplo.

Hall (2003) faz uma observação a respeito da hierarquização entre as culturas existentes em uma sociedade. O autor acredita que as características que se destacam em uma cultura se encontram nas relações de poder que vão identificar essa cultura em dominante/periférica. Tendo em vista que a sociedade brasileira, assim como qualquer outra, tem domínios e compartilha uma diversidade de saberes, há uma tendência de pensamento que a pessoa surda seja percebida como alguém que vive na falta de uma sonoridade aparentemente fundamental para a vivência em sociedade, encontrando-se em uma posição periférica se comparada com a posição do ouvinte.

[...] Para as pessoas ouvintes, o mundo torna-se conhecido através do som. O som é um meio confortável e familiar de orientar alguém para o mundo. E a sua perda interrompe a maneira que o mundo pode ser conhecido. Estas imagens comunicam a crença de que as pessoas surdas não podem ter acesso ao mundo porque ele é primariamente conduzido pelo som e especialmente pela palavra falada. (PADDEN; HUMPHRIES, 1988, p. 29).

Nessa perspectiva de cultura dominante, a única maneira eficaz de estabelecer a comunicação é por meio da oralidade, levando em conta que a pessoa surda é vista como alguém com deficiência e incapaz, entre outros estigmas. Nessa linha, o não domínio da Língua Portuguesa oral para pessoas surdas tende a excluí-las dos processos socioculturais de

que poderiam participar. Segundo Skliar (1998), o problema não está na surdez, na língua de sinais e nas identidades surdas, mas nas representações dominantes, hegemônicas e “ouvintistas” acerca dos surdos, das identidades surdas e da língua de sinais.

Destaco que tanto a separação quanto a inclusão entre grupos são produzidas socialmente, pois o preconceito, a discriminação e outros comportamentos humanos estão diretamente ligados à cultura – que pode construir, sedimentar e propagar. O que significa dizer que as normas são “aprovadas” socialmente. São normas que organizam nossa vida, como a maneira de se comportar e de se vestir, por exemplo.

Portanto, a forma como as pessoas sem deficiência percebem a surdez está relacionada com essas normas. Com isso, surge também uma luta política que visa à reformulação dessas ideias já estabelecidas. Uma luta pela inclusão. Nesse contexto, o presente trabalho tem como foco as experiências pessoais e socioculturais das pessoas surdas por meio de uma língua espaço-visual que explora outras formas de percepção de mundo.

## 2.2. Surdez

Antes de falarmos sobre a surdez, é preciso esclarecer o que é a deficiência, de forma geral, apresentando alguns pontos de vista que, embora tenham surgido em épocas diferentes, se relacionam e, por vezes, apresentam contradições entre si – seguindo a linha de Enfield e Harris (2003).

O primeiro é o *Modelo Caritativo*, que entende a pessoa com deficiência como vítima merecedora de ajuda e caridade. Ela é vista como alguém que teve uma vida sofrida e trágica, necessitando de serviços especiais, instituições específicas, entre outros, porque são “diferentes”. O segundo é o *Modelo Médico* (ou Individual) no qual a deficiência é compreendida como um problema que precisa ser curado. Isto é, a deficiência é a falta de alguma coisa que deve ser corrigida a fim normalizar o indivíduo. Assim, quem tem deficiência precisa mudar, em contrapartida o meio social fica isento de qualquer tipo de responsabilidade. Vale destacar que por meio desse modelo foi possível elaborar inúmeros projetos de reabilitação, visando à qualidade de vida do público em questão. Já de acordo com o *Modelo Social*, a deficiência não é focada apenas na pessoa, mas, sim, na sociedade na qual ela está inserida, visto que a mesma pode limitar ou capacitar esses indivíduos de várias formas. O quarto modelo é denominado *Modelo Baseado em Direitos*, que deriva do *Modelo Social* e pode ser considerado um avanço. Contudo, a “assistência aqui não é entendida como uma questão de humanidade ou caridade, mas sim como o cumprimento de um direito

humano básico que todos podem reivindicar.” (MAYER, 2012, p.30). Apesar de este modelo servir como base para a elaboração de políticas públicas e documentos oficiais, os demais já apresentados ainda se mantêm em outras áreas.

Como direcionamento conceitual para a presente pesquisa, iremos utilizar o *Modelo Baseado em Direitos*, uma vez que por meio dele é possível refletir de maneira mais crítica sobre a questão da surdez, que abrange 5,1% dos brasileiros, sendo 5,3% homens e 4,9% mulheres (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). Para a Secretaria de Educação Especial (BRASIL, 2006b), a surdez é caracterizada como a perda total ou parcial da capacidade de perceber os sons por meio do ouvido.

Para medir o grau de sensibilidade auditiva é utilizado o instrumento audiômetro, que tem como parâmetro o decibel (dB). Dessa forma, parte-se do pressuposto que a audição “normal” é de 0 a 15 dB. Então, de 16 a 40 dB a pessoa possui surdez leve, apresentando dificuldade para ouvir o som de um cochicho, por exemplo. A surdez moderada está entre 41 e 55 dB, ou seja, o indivíduo pode apresentar uma dificuldade de ouvir o canto de um pássaro ou uma voz mais baixa. Com o grau de 56 a 70 dB, a pessoa encontra dificuldade de entender uma conversa com tom de voz normal – o que dificulta, mas não a impede de se expressar oralmente e compreender os sons usando aparelho auditivo ou não.

Já a pessoa com surdez severa<sup>4</sup> (de 71 a 90 dB) não consegue ouvir um telefone tocando, por exemplo. Acima de 91 dB, o indivíduo possui surdez profunda e não escuta um avião decolando ou uma música tocada em uma festa. O que significa dizer que, acima de 70 decibéis, o indivíduo não consegue compreender os sons mesmo utilizando aparelhos como: Aparelhos de Amplificação Sonora Individual (A.A.S.I), Implante Coclear e Sistemas de Frequência Modulada (FM).

Ainda de acordo com a Secretaria de Educação Especial (BRASIL, 2006b), a surdez pode ser unilateral (quando a pessoa possui dificuldade de compreensão do som em apenas um ouvido) ou bilateral (quando a surdez se apresenta nos dois ouvidos). Além disso, o indivíduo pode adquirir a surdez ou nascer surdo. No primeiro caso, ele perde a audição no decorrer da vida, podendo ter adquirido um idioma ou não. Desse modo, a pessoa pode ficar surda pelo uso abusivo ou inadequado de medicamentos, por meio de acidentes, doenças (caxumba, meningite e sarampo, por exemplo), traumas acústicos, idade avançada etc. Vale observar que, conforme o Censo Demográfico 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010), o número de pessoas com surdez adquirida teve

---

<sup>4</sup> Com base no Censo Demográfico 2010, das 5,1% pessoas surdas, 7,6% tinham surdez severa (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

maior incidência na população acima de 65 anos, demonstrando o processo de envelhecimento e, conseqüentemente, a perda de funcionalidades.

Com relação à surdez congênita (quando a pessoa já nasce surda), há causas pré-natais e perinatais. Na primeira situação, a surdez é provocada por fatores hereditários e genéticos. São doenças adquiridas pela mãe durante o período de gestação, como rubéola e toxoplasmose. Pode acontecer também de a mãe, durante a gravidez, ter usado medicamentos que afetaram a audição do bebê. Já a surdez causada no período perinatal é provocada, em geral, pelo fato de a criança nascer antes ou depois do tempo – com falta de oxigenação no cérebro e/ou algum trauma de parto.

A partir dessas explicações biológicas é possível entender a diferença entre os termos deficiência auditiva e surdez. Para as autoras Bisol e Valentini (2011), a pessoa surda é aquela que não considera que possui uma deficiência, utiliza a língua de sinais para se comunicar, valoriza sua história e cultura, além de propor uma pedagogia específica para a educação de surdos. Já a pessoa com deficiência auditiva (também chamada pela comunidade surda de “d.a.”) é aquela que não se identifica com a cultura surda, visto que está inserida na cultura oral – possivelmente pelo fato de ter adquirido a surdez ao longo da vida e/ou adquirido a língua de sinais de maneira tardia (BISOL; VALENTINI, 2011).

Então, geralmente, essa situação tende a ser mais delicada, porque há certo incômodo com relação à perda auditiva desse indivíduo, que, muitas vezes, opta por intervenções cirúrgicas (dependendo do grau da deficiência), utiliza aparelhos para compreender os sons e/ou percebe e demonstra pequenas dificuldades de fala. Vale observar que o termo “surdo-mudo” (utilizado ainda por algumas pessoas) está em desuso e se relaciona ao estigma social de que a pessoa surda não consegue utilizar a língua oral. Contudo, quem tem surdez não tem necessariamente a fala preservada. Isto é, há pessoas que não ouvem, mas falam oralmente. Mesmo aquelas que não falam não se dizem mudas, porque acreditam que se comunicam por meio das mãos<sup>5</sup>.

Ressalto que se esta pesquisa considerasse duas variáveis: pessoas surdas e com deficiência auditiva haveria distorções nos achados. Por isso, este trabalho focará no público surdo.

---

<sup>5</sup> Nesse contexto, a condição biológica dos indivíduos não é considerada, mas, sim, os fatores socioculturais.

### 2.3 A percepção sob o ponto de vista da semiótica peirceana

Não é exagero afirmar que percepção é uma das noções basilares da obra de Peirce. No conjunto de seu trabalho, o autor evoca, em vários momentos, tal conceituação no sentido de a percepção ser baseada na lógica triádica e inseparável entre percepto, *percipuum* e juízo perceptivo. Por essa razão, para Peirce, a percepção interage constantemente com a mente e com a ação. Ao deter-se sobre a visada peirceana de percepção, Santaella (1993) nos apresenta diversos autores que estudaram Peirce e sua teoria triádica da percepção, buscando estabelecer um quadro organizado acerca do conceito, bem como a visão da autora a respeito do tema.

Segundo Santaella, Peirce afirmou que o percepto é aquilo que nós percebemos, é o que está fora de nós e que é apreendido por nossa consciência no ato perceptivo.

Evito concluir aí, como o fez Almender, que aquilo que percebemos é um objeto físico. Pode até ser, em alguns casos, mas isso seria restringir demais a natureza do percepto, o que não me parece corresponder ao que Peirce queria significar por aquilo que apreendemos no processo perceptivo. O que é preciso reter é que o percepto é sempre forasteiro, no sentido de que se força sobre nós, é exterior a nós, sem qualquer passaporte de legalização, preenchendo os requisitos daquilo que Peirce chamava de existente, que não precisa ser necessariamente um objeto físico, como quer Almender. (SANTAELLA, 1993, p. 57).

A autora destaca que o percepto, porém, é somente um dos componentes do processo perceptivo e que ainda estamos longe de encontrar definições mais precisas, haja vista que há ambiguidades na própria obra de Peirce. Essa ambiguidade se refere a dois antagonismos a respeito do percepto. De um lado, ele é apresentado como algo externo a nós, que não pode ser acabado no ato perceptivo, visto que possui independência. Por outro lado, o percepto é considerado construção mental. Diante desses dois sentidos, Peirce criou o *percipuum*, que seria o lado mental do percepto.

Dessa forma, o percepto seria o elemento não-racional com relação à apreensão dos nossos sentidos, o que está fora. O *percipuum*, por sua vez, seria o julgamento da percepção, o que está dentro, ou seja, a maneira como o percepto se traduz no *percipuum*. Assim, Santaella (1993) menciona três elementos psíquicos do *percipuum*, sendo as qualidades do sentimento, as reações contra nossa vontade e os elementos associativos ou generalizantes.

A autora observa que se o percepto é o que está fora e se apresenta aos sentidos (sendo transcrito pela mente por meio do *percipuum*), ele pode funcionar sob o ponto de vista da teoria semiótica como objeto dinâmico e o *percipuum*, o objeto imediato. Vale lembrar que o

objeto dinâmico, a rigor, seria um postulado abstrato referente àquele objeto que primeiro teria presidido à semiose<sup>6</sup> específica daquele processo sígnico. (PINTO, 1995). “[...] na percepção, o percepto, tal como interpretado ou *percipuum*, do ponto de vista da mente que interpreta, é anterior ao percepto, enquanto que este desempenha o papel de causa ou determinante do julgamento de percepção.” (SANTAELLA, 1993, p. 64)

Assim, a mediação entre signo e objeto dinâmico é exercida pelo objeto imediato. Ou seja, o que provoca (ou gera) o signo é o objeto dinâmico (objeto em si próprio) e o que permite a ligação entre eles é o objeto imediato (objeto tal como o signo o apresenta). Nesse contexto que esclarece a lógica triádica acerca do signo, a pessoa não se separa dos julgamentos que ela produz no ato perceptivo.

Portanto, segundo essa abordagem peirceana, perceber é algo que envolve o mundo externo (o percepto) e o interior de cada indivíduo (o *percipuum*), no qual é possível fazer um julgamento de percepção (a interpretação, inferência lógica). Isto é, a percepção se dá na relação entre o *percipuum* e o percepto, produzindo um juízo interpretativo.

[...] a dominância da secundidade é o que caracteriza especificamente a percepção, diferenciando-a de outros processos mentais. Mas há nela sempre um jogo de primeiro, segundo e terceiro: 1) a consciência de uma qualidade imediata, 2) a compulsão que nos faz atentar para algo que se força sobre nós e 3) o fator de juízo, julgamento de percepção no qual todos os elementos se juntam. O elemento de terceiridade é dado, portanto, pelo julgamento de percepção, o signo do processo perceptivo. (SANTAELLA, 1993, p. 93 e 94)

Nessa linha de raciocínio, Santaella (1993) nos mostra que os elementos de que não temos controle estão ligados a um *continuum* que se expressa por meio de signos externos e suscetíveis a crítica. Esse é, em essência, o que Peirce coloca como a base do que ele denomina *sinequismo*, que pode, em outras palavras, ser descrito como a inatingibilidade da coisa externa por meio do objeto interno, o signo (PINTO, 2009). Então, o significado de qualquer pensamento e de sua função cognitiva depende de o pensamento ser referido a pensamentos futuros em razão da interpretação. Dessa forma, Santaella não considera separar o físico (o percepto), o sensorio (tradução do percepto pelos nossos sensores no *percipuum*) e o cognitivo (o percepto como interpretado rapidamente no *percipuum*) no que se refere ao processo de percepção.

No caso da presente pesquisa, podemos afirmar que as pessoas percebem de maneiras diferentes os telejornais, o que significa que o *percipuum* já é uma tradução do percepto segundo os sensores individuais. Isto posto, não há controle nem caminhos de fazer com que

---

<sup>6</sup> Segundo Pinto (1995), a semiose é entendida como o processo infinito de produção de sentido.

o *percipuum* possua neutralidade, uma vez que ele já é a tradução do percepto de acordo como somos capazes de traduzir o que vem do mundo exterior segundo nossas vivências. A partir daí, o *percipuum* é apreendido nas malhas de nossos esquemas interpretativos (julgamentos de percepção). No contexto deste trabalho, os telespectadores surdos só percebem o que estão aptos a interpretar.

Como já explicado anteriormente com o auxílio de Plaza (2003), para que o pensamento possa se expressar se faz necessária a linguagem. E os possíveis usos dela dependem das possíveis percepções, ao passo que estas dependem dos sentidos e de como os sentidos se relacionam com a mente. Portanto, como poderá ser observado em nossa análise, tomamos o percepto como as imagens exibidas nas reportagens dos dois telejornais, o *percipuum* como o que se passa na mente de cada participante e o julgamento de percepção como a interpretação, a inferência lógica que cada um faz.

## 2.4 Cultura Surda

Pensar uma rotina sem o som é importante para entender, inicialmente e minimamente, a experiência vivida pela pessoa surda, deixando a condição de ouvinte, bem como referenciais de mundo advindos da percepção sonora. Assim, devemos pensar o mundo sem barulhos corriqueiros, como do trânsito, do telefone tocando ou dos sons das palavras, por exemplo. O que não significa dizer que a pessoa surda viva no silêncio, mas a falta dos sons, neste caso, seria a primeira sensação para se colocar no lugar do surdo.

Dessa maneira, o som, para quem ouve, tem a capacidade de preencher toda a consciência, ao passo que a pessoa surda tem outra maneira de se equilibrar e de se localizar no ambiente, além de ter outras formas de percepção com e no mundo. Diante disso, Sacks (1998) afirma que a condição de quem não ouve é complexa, é mais que uma deficiência sensorial, porque possui uma língua baseada em sinais imagéticos, um conjunto de regras, costumes e valores, constituindo uma cultura.

As pessoas surdas formam grupos sociais diferentes das que ouvem. Diferentes, mas não diversos. É importante destacar que os termos diversidade e diferença são distintos, porque o primeiro, para Skliar (1998, p.13), “cria um falso consenso, uma ideia de que a normalidade hospeda os diversos, porém mascara normas etnocêntricas e serve para conter a diferença”. Já a diferença, segundo o autor, é baseada em representações e significações que constituem práticas sociais.



Para a pesquisadora surda Strobel (2008), a cultura na qual ela faz parte compreende o mundo a partir da percepção visual, além de ser formada por uma língua própria, ter crenças, costumes e hábitos. A autora diz também que muitos surdos enfrentam dificuldades com relação ao conhecimento da sua cultura e convivência com seus pares pelo fato de o processo de descoberta ser tardio – geralmente, por serem filhos de pais ouvintes.

Como já mencionado anteriormente, o hibridismo, nesse caso, faz com que não só pessoas surdas, mas, também ouvintes (familiares, intérpretes, amigos etc.) façam parte da cultura surda e compartilhem interesses em comum. Nesse contexto, a investigadora Perlin (1998), também surda, aponta algumas questões sobre identidades<sup>7</sup> híbridas entre seus pares e cita as pessoas que adquiriram a surdez, já que foram falantes nativos de línguas majoritárias e tiveram experiências do mundo sonoro. “É uma espécie de uso de identidades diferentes em diferentes momentos” (PERLIN, 1998, p. 63), visto que houve uma apropriação da língua de sinais como segundo idioma.

A autora cita também as identidades surdas incompletas, na qual fazem parte surdos que se distanciaram das identidades, comunidades e culturas surdas pelo fato de considerarem a ideologia ouvinte dominante.

A hegemonia dos ouvintes exerce uma rede de poderes difícil de ser quebrada pelos surdos, que não conseguem se organizar ou mesmo ir às comunidades para resistirem ao poder. Aí pode dar início ao que chamo de situações dominantes de tentativa de reprodução da identidade ouvinte, com atitudes ainda necessárias para sustentar as relações dominantes. (PERLIN, 1998, p. 64)

Ressalto o caráter transitório, contextual, contraditório e ocasional da ideia de identidade – não como estado absoluto e permanente, uma vez que as identidades podem ser constantemente reformuladas a partir de interações, neste caso, de surdos com ouvintes, bem como na convivência de surdos com outros surdos.

## **2.5 Da exclusão à inclusão**

De acordo com Schlünzen, Benedetto e Santos (2017), no século XII (Idade Antiga), as pessoas surdas eram consideradas incapazes de pensar, porque a sociedade acreditava que a capacidade de raciocínio estava diretamente relacionada à fala. Por isso, elas sofreram

---

<sup>7</sup> A identidade não é definida apenas pela língua admitida por seus usuários. Ela é construída por diferentes papéis sociais heterogêneos, ou seja, a pessoa pode ser surda, homossexual, enfermeira, mãe, católica, etc. Nesse sentido, conforme Cameron (apud Lopes, 2001, p.310), “a pessoa é um mosaico intrincado de diferentes potenciais de poder em relações sociais diferentes”.

preconceitos e crueldades, sendo sacrificadas ou perdendo seus direitos. Segundo os preceitos religiosos cristãos, quem não ouvia não tinha alma mortal em razão de não conseguir proferir os mandamentos divinos.

Esse cenário começou a mudar partir do século XV, no fim da Idade Média, com alguns pesquisadores, médicos e intelectuais. Conforme Schlünzen, Benedetto e Santos (2017), eles tentaram criar formas de aprendizagem para os surdos por meio da língua oral, gestos, escrita e outros métodos. Além disso, as famílias nobres que tinham herdeiros surdos começaram a ter interesse em entendê-los e integrá-los na sociedade, pois não queriam perder suas riquezas. Outro aspecto mencionado pelas autoras é com relação à Igreja, pois, por meio do discurso de caridade, a instituição religiosa cristã começou a promover a comunicação das pessoas surdas com Deus, bem como o ensino dos sacramentos com o objetivo de não perderem a alma.

A partir da Idade Moderna, ainda segundo Schlünzen, Benedetto e Santos (2017), o interesse pela surdez aumentou significativamente com estudiosos, como Cardano (1501-1576) e Ponce de Leon (1510-1584). Cardano tinha um filho surdo e, com a ajuda de outros pesquisadores, descobriu que a escrita representava não apenas ideias faladas, mas, também pensamentos. Ponce de Leon, por sua vez, era um monge que se dedicou a ensinar aos surdos ler, escrever, falar e aprender os ensinamentos católicos. Nesse contexto, a língua de sinais surgiu a partir da comunicação entre Leon e duas pessoas surdas de uma mesma família. O monge, que teve seu trabalho reconhecido na Europa, provou que a pessoa privada do ouvir era capaz de raciocinar, sendo um ser humano como qualquer outro.

Posteriormente, o alfabeto manual foi criado por um padre espanhol, chamado Juan Pablo Bonet (1579-1633), que sugeriu que cada palavra fosse trocada por um símbolo visual. Em 1760, conforme Schlünzen, Benedetto e Santos (2017), Charles-Michel de L'Épée fundou a primeira escola pública francesa para pessoas surdas e foi considerado o “pai dos surdos”, defendendo a língua de sinais em detrimento do oralismo (ensino por meio da fala).

Apenas com esse breve relato foi possível constatar que as pessoas surdas eram iguais às demais e deveriam ter os mesmos direitos que os ouvintes. Contudo, os avanços começaram a enfrentar barreiras na Europa, porque alguns pesquisadores começaram a questionar a origem da surdez. As experiências realizadas eram torturantes para as pessoas surdas, levando à morte – em alguns casos. Nos Estados Unidos também houve dificuldade com relação ao acesso à educação de quem tinha surdez, porque os professores americanos desconheciam a língua de sinais.

Schlünzen, Benedetto e Santos (2017) destacam que, em 1878, foi realizado, em Paris, o I Congresso Internacional de Surdos-Mudos, que discutiu métodos a respeito da educação dos surdos, definindo, portanto, a leitura labial e os gestos. Entretanto, em 1880, no II Congresso Mundial de Surdos-Mudos, em Milão, o método escolhido para o uso de estudantes surdos foi o oralismo. Vale destacar que no evento havia apenas uma pessoa surda, que não pôde votar. Diante desse fato, a língua de sinais foi proibida na Europa e em outros países.

Só no século XX, mais precisamente no fim da década de 1960, após anos de proibição dos sinais e evasão escolar das pessoas surdas que a filosofia da Comunicação Total, que leva em conta vários recursos linguísticos (língua de sinais, língua oral, códigos manuais, entre outros), surgiu por acreditar que a comunicação (e não a língua) deveria ser o foco. A partir da década de 1980, principalmente na década de 1990, o bilinguismo foi aceito. De acordo com Dias (2006, p.42), o bilinguismo “não privilegia uma língua, mas quer dar direito e condições ao indivíduo surdo de poder utilizar duas línguas; portanto, não se trata de negação, mas de respeito”.

### *2.5.1 No Brasil*

Na década de 1850, o imperador do Brasil, Dom Pedro II, foi até a França e conheceu o trabalho realizado por L'Épée no Instituto de Surdos de Paris. Segundo Felipe (2007), Dom Pedro II convidou um professor surdo para começar o trabalho aqui no Brasil. Nesse contexto, a Libras surgiu da combinação entre a língua de sinais francesa com os sinais já utilizados por brasileiros surdos.

Em 1857, foi fundado o Instituto dos Surdos-Mudos (atual Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES), no Rio de Janeiro. Anos depois, com a metodologia estabelecida no Congresso de Milão, os professores que utilizavam sinais foram substituídos por outros que, comumente, amarravam as mãos dos alunos, visando à proibição de sinais e incentivando o oralismo.

Na contramão disso, de acordo com Schlünzen, Benedetto e Santos (2017), o INES continuou ensinando a Libras para as pessoas surdas com a permissão do governo. No final da década de 1970, a Comunicação Total chega ao Brasil e, na década seguinte, o bilinguismo. Ainda na década de 1980 houve o surgimento do intérprete de Libras em trabalhos de cunho religioso (BRASIL, 2004).

Em 1988, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) promoveu o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais (BRASIL, 2004). O evento possibilitou a troca de experiência entre os intérpretes e discutiu sobre a ética que os profissionais deveriam ter. O segundo encontro ocorreu em 1992 e, de 1993 a 1994, foram realizados eventos estaduais.

No dia 24 de abril de 2002, por meio da Lei nº 10436, o governo homologou a lei federal que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais como língua oficial dos brasileiros surdos (BRASIL, 2002). Essa data representou um grande passo no processo de reconhecimento e respeito à pessoa surda e, sobretudo, à língua de sinais. Entretanto, o acesso desses indivíduos aos meios de comunicação audiovisuais, no caso do presente trabalho: o acesso aos telejornais – ainda é uma barreira devido à carência de recursos de acessibilidade, como veremos posteriormente.

## **2.6 Formas de comunicação das pessoas surdas**

Como já foi dito, as pessoas surdas desenvolvem a língua de sinais segundo a cultura em que vivem, levando em conta suas experiências visuais. No Brasil, a primeira língua dos surdos se chama Língua Brasileira de Sinais (Libras) e foi reconhecida pelo governo em 2002 (BRASIL, 2002). As pesquisas sobre esse idioma começaram em 1981 com a obra *A língua de sinais do Brasil*, de Gladis Knak Rehfeldt, além de artigos reunidos no livro *Por uma gramática das línguas de sinais*, da autora Lucinda Ferreira Brito (BRASIL, 2004). Após esses dois trabalhos, outras pesquisas começaram a surgir no sentido de analisar a estrutura da Libras. Somando a isso, atividades orientadas pela FENEIS foram responsáveis pelo reconhecimento da língua em questão.

De acordo com Quadros (2004), a Libras é um idioma visual-espacial, articulado por meio das mãos e evidenciado por expressões corporais e faciais. Assim como qualquer outro idioma, a Libras possui características e variações, uma vez que está presente em determinados contextos.

Cada língua de sinais representa seus referentes, ainda que de forma icônica, convencionalmente porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva. Por exemplo, o sinal ÁRVORE em LIBRAS representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (língua de sinais chinesa) representa apenas o tronco com as duas mãos semiabertas e os dedos dobrados de forma circular. Em LIBRAS, o sinal CARRO/DIRIGIR é icônico porque representa o ato de dirigir, porém, é também convencional porque em outras línguas de sinais não

toma necessariamente este aspecto dos referentes ‘carro’ e ‘ato de dirigir’ como motivação de sua forma mas sim outros. (BRASIL, 1997, p.8).

Além disso, a língua de sinais sofre variações regionais (num mesmo país), como o sinal da cor verde, que é feito de uma forma no Rio de Janeiro e de outra em São Paulo. Existem também mudanças históricas, visto que os sinais podem ser alterados conforme a geração que os utiliza – assim como na língua oral.

De acordo com Quadros, Pizzio e Rezende (2008), a Libras tende a seguir a ordem básica “sujeito (S) + verbo (V) + objeto (O)” – SVO. É como se a frase fosse constituída assim: *João conhecer fábrica*<sup>8</sup> – o que na Língua Portuguesa seria “João conheceu a fábrica”. Há também outras ordens possíveis, como OVS e OSV, na qual a estrutura “tópico-comentário” está presente em diálogos. Essa topicalização tem como objetivo dar ênfase a determinado elemento e, na maioria das vezes, o verbo fica no fim da frase, como:

<i>Rua buraco</i>	<i>não enxergar.</i>	Em português: o buraco na rua eu não vi.
↓	↓	
tópico	comentário	

Apesar de a Libras não ser a tradução do português oral para os movimentos gestuais, ela faz o empréstimo de algumas palavras por meio do alfabeto manual (chamado datilologia), como: *oi* (o sinal é feito com uma mão e é formado pelas letras *o* e *i*). A datilologia é composta por configurações que representam as letras do alfabeto ocidental, pontuações gráficas e numerais. Quadros e Karnopp (2004, p. 68) explicam que “a soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de letras escritas do português.”. Nesse sentido, é possível soletrar nomes de pessoas, lugares, entre outros, que não possuem sinais.

Os sinais surgem a partir de parâmetros que envolvem, no mínimo (BRASIL, 1997):

- a) Configuração da mão: é a forma que a mão toma ao realizar um sinal. Nesta pesquisa, apresento 75 configurações de mão (Figura 1).

---

<sup>8</sup> Cada palavra em itálico representa um sinal específico em Libras.

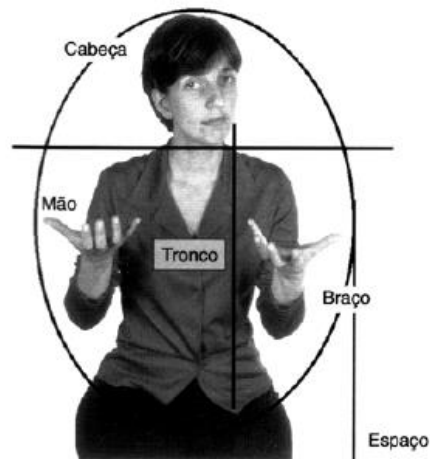
**Figura 1 - As 75 configurações de mão em Libras**



Fonte: FARIA-NASCIMENTO (2009, p. 177-183).

- b) Pontos de articulação: áreas do corpo (cabeça, mãos, tronco e espaço neutro) em que os sinais são feitos (Figura 2).

**Figura 2 - Pontos de articulação das palavras em Libras**



Fonte: QUADROS; KARNOPP (2004, p. 57).

- c) Movimento e Orientação: o movimento é o deslocamento das mãos na realização dos sinais (Figura 3), podendo ser unidirecional, bidirecional ou multidirecional. Há também tipos de movimentos, como: retilíneo (sinal de *encontrar* feito com os dois dedos indicadores afastados, que se deslocam de modo retilíneo a fim de se encontrarem ao centro), helicoidal (sinal de *azeite* feito com uma mão, polegar para

cima e mindinho para baixo, fazendo movimentos em espiral), circular (sinal de *bicicleta* feito com as duas mãos fechadas em movimentos alternadamente circulares, como se fosse o movimento que os pés fazem ao pedalar), semicircular (sinal de *sapo* realizado por um braço e mão esticados e cotovelo flexionado, representando um chão e a outra mão como se fosse uma concha virada para baixo, simulando no braço o movimento semicircular que o sapo faz ao pular), sinuoso (sinal de *Brasil* feito pela letra B, em Libras – apenas o polegar flexionado e os demais dedos esticados e juntos, acrescido de movimentos sinuosos para baixo) e angular (sinal de *difícil* feito pelo dedo indicador que vai do início ao fim da região da testa fazendo movimentos em *zig zag* – somado ao franzir da testa). Já a orientação dos sinais está relacionada à direção que a palma da mão produz ao fazer um sinal, podendo ser para cima, para baixo, para o lado, para frente etc.

**Figura 3 - Exemplo de movimento dos sinais**



Fonte: BRASIL (1997, p.23).

- d) Expressões faciais e corporais: são expressões que se realizam por meio de movimentos na cabeça (afirmativo e negativo, como mostrado na Figura 3), na face (olhos, sobrancelhas, bochechas, lábios, língua e nariz) e/ou tronco equivalentes aos traços suprasegmentais. Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2008), essas expressões não-manuais marcam topicalizações, adjetivos, advérbios, frases interrogativas, negativas, afirmativas, exclamativas, condicionais, relativas e com foco<sup>9</sup>. Diante disso, destacam-se duas funções diferentes para expressões faciais e corporais, sendo expressões afetivas e expressões gramaticais. No primeiro caso, são expressões de sentimentos, como alegria, tristeza, raiva, dor, entre outros. Já as expressões gramaticais levam em conta movimentos da cabeça (para os lados, para cima e para baixo), levantamento de sobrancelhas, arredondamento e compressão dos lábios,

<sup>9</sup> Sentenças com foco são aquelas que introduzem na fala uma informação nova que pode apresentar contraste, trazer uma informação adicional ou dar ênfase a determinada coisa.

elevação da testa e testa franzida, direção do olhar e o piscar dos olhos, ombros para trás ou para lado etc.

Além dos parâmetros citados, a Libras possui classificadores, que são configurações de mão (Figura 1) que se relacionam com pessoas, animais e coisas e representam propriedades físicas de uma classe, como a descrição de forma e tamanho ou o modo como o referente se comporta na ação verbal. Além das configurações de mão, a orientação da palma da mão é algo importante em algumas formações com classificadores. Por exemplo, o classificador “andar” V (Figura 6), em Libras, pode representar uma pessoa caminhando quando a orientação da palma da mão e os dedos são voltados para baixo. Se usarmos a mesma configuração de mão V com a palma da mão para cima e os dois dedos para o alto o significado muda: duas pessoas caminhando lado a lado ou um casal de namorados.

Dessa forma, apesar de a configuração de mão ser a mesma (V), os classificadores são diferentes: um classificador único que mostra as pernas e um classificador duplo representando duas pessoas. Uma curiosidade é que alguns sinais são formados a partir de uma justaposição entre um sinal já existente e um classificador. Por exemplo: alfinete (classificador *pequeno* + sinal *costurar*)

Com relação aos verbos, segundo Quadros e Karnopp (2004), há basicamente:

- a) Verbos simples: são verbos que possuem uma única forma, isto é, o sinal permanece o mesmo. Exemplo:

*Eu trabalhar PUC Minas* (eu trabalho na PUC Minas)

*El@ trabalhar PUC Minas* (ele/ela trabalha na PUC Minas)

*Eles trabalhar PUC Minas* (eles trabalham na PUC Minas)

**Figura 4: Exemplo de verbo simples**



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL (2001, p. 894).



b) Verbos com concordância: são verbos que se flexionam. Dito de outra forma, os sinais mudam de acordo com:

- Pessoa e número (a orientação marca as pessoas do discurso), como:

*1s perguntar 2s* (Eu pergunto para você)

*2s perguntar 1s* (Você me pergunta)

**Figura 5: Exemplo de verbo que concorda com pessoa**

**1s PERGUNTAR 2s**



**2s PERGUNTAR 1s**



Fonte: BRASIL (1997, p.72).

- Gênero (são verbos classificadores, que possuem como parâmetro a configuração de mão). Por exemplo:

*Ele caminhar* (Ele caminha)

*Eles caminhar* (Eles caminham)

**Figura 6: Exemplo de verbo classificador**



Uma pessoa andando  
ou em pé



Duas pessoas andando,  
namorando ou passeando

Fonte: BRASIL (1997, p.29).

- Localização (são verbos em que o ponto de articulação marca a localização), conforme podemos explicitar:

*Eu beber café.* (eu tomei café)

*Eu beber chá.* (eu tomei chá)

**Figura 7: Exemplo de verbo com concordância de localização**



Fonte: BRASIL (1997, p.31).

- c) Verbos espaciais – denotam movimento e posição no espaço, admitindo afixos locativos, por exemplo: *chegar*.

**Figura 8: Exemplo de verbo espacial**



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL (2001, p. 398).

- d) Verbos instrumentais – são instrumentos que acompanham verbos, como *cortar*. Na Língua Portuguesa, o verbo *cortar* significa uma ação na qual algo está sendo partido pela ação de um instrumento. Em Libras, não há o verbo *cortar* de forma isolada, uma vez que ele está ligado ao instrumento, como: *cortar faca*, *cortar tesoura* e *cortar guilhotina*.

Diante dessas explicações sucintas é possível perceber que, assim como as línguas orais, a Libras possui uma estrutura sintático-semântica complexa, com variações e regras gramaticais naturais aos usuários surdos. Nesse sentido, também há pessoas surdas analfabetas que utilizam outros sistemas de comunicação, como os sinais caseiros ou domésticos e/ou as mímicas.

Na contramão desse cenário, há aqueles indivíduos bilíngues, ou seja, que adquirem tanto a língua de sinais, quanto à língua oral utilizada em seu país, neste caso a Língua Portuguesa. De acordo com o Censo Demográfico 2010, das 9.638.276 pessoas que não

ouvem, 7.281.134 são oralizadas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

O bilinguismo, para Moura (2000), propicia ao indivíduo não perder sua identidade com a comunidade surda, ao mesmo tempo em que permite ao surdo não se afastar da comunidade ouvinte por meio da língua oral, aumentando seu universo de interação. Lima (2006, p.68) observa que pode haver uma dificuldade no aprendizado da língua oral, porque o português falado pela pessoa surda “não corresponde ao português falado pelo ouvinte”. O que não significa dizer que, cognitivamente, esse indivíduo seja incapaz.

No entanto, de acordo com Brito (1993), a pessoa surda pode enfrentar atrasos e dificuldades com relação ao tempo de aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como fator determinante na aprendizagem e desenvolvimento da Língua Portuguesa, pois crianças que vivem em um contexto familiar favorável à aprendizagem da Libras, provavelmente, vão chegar à escola fluentes – tendo maior facilidade de aquisição da Língua Portuguesa, ao passo que aquelas que aprendem a língua de sinais tardiamente, chegarão à escola com a primeira necessidade de compreender sua primeira língua, para depois adquirir a segunda.

Essa questão da educação e inclusão em um contexto bilíngue pode ser compreendida na medida em que se considera o processo histórico vivido pelas pessoas surdas. Como já explicado anteriormente, elas eram consideradas incapazes, sendo excluídas da sociedade por séculos e tendo o reconhecimento da Libras tardiamente, porque a Língua Portuguesa foi imposta como aquela a ser aprendida durante muito tempo.

### 3 TELEJORNALISMO E RECURSOS DE ACESSIBILIDADE

Apesar de o acesso à internet estar crescendo, a televisão, no Brasil, continua sendo a principal fonte de informação da população brasileira, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia edição 2016 (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2016). Segundo os dados, pouco mais de  $\frac{3}{4}$  dos 15.050 entrevistados com mais de 16 anos de idade, de ambos os sexos, de todas as classes econômicas (ABCDE) e residentes nas 27 unidades da Federação (capital e interior) assistem televisão diariamente – com tempo médio de 3h por dia.

Por isso, esse meio de comunicação se destaca, larga escala, quanto aos demais veículos, principalmente por causa da abrangência e gratuidade. No entanto, esses fatores não significam que a TV esteja incluída na rotina dos 5,1% surdos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010), já que são raras as programações que possuem os dois recursos de acessibilidade em TV aberta.

#### 3.1 Os códigos da linguagem televisiva

A comunicação televisiva é formada por diferentes códigos, que concorrem e se associam para dar corpo às mensagens transmitidas. Diante disso, Eco (1993) afirma que imagens, emissões verbais e sons se transformam em códigos dentro da televisão, que dão origem à linguagem televisiva.

Os códigos, para o autor, são convenções comunicativas. Podemos ter como exemplo a língua de um povo. Os códigos secundários ou subcódigos acrescentam elementos lexicais novos ou conferem valores conotativos a elementos léxicos previstos no código.

A palavra “projeto” e a palavra “lei” têm significados precisos na língua: mas a combinação “projeto de lei” (que já representa uma metáfora) não é compreensível com base nas referências imediatas dos vários termos; para ser compreendida, deve ser referida a um jargão especializado que confere a esse sintagma um significado específico. Esse jargão, que funciona com base no código-língua, dele constitui um subcódigo específico. (ECO, 1993, p. 372)

Dessa maneira, o subcódigo transforma o processo de denotação do código para um processo de conotação. Então, quem faz parte de um grupo que possui certo conhecimento sobre aspectos característicos mencionados no discurso consegue compreender com facilidade o sentido da mensagem. Por exemplo, no ano de 2014, um assunto bastante discutido no

Brasil girou em torno da expressão “pedalada fiscal”<sup>10</sup> no governo de Dilma Rousseff. Se o termo fosse interpretado por uma pessoa (surda ou não) sem conhecimento prévio do assunto, possivelmente, a palavra pedalada se remeteria a algo relacionado ao ciclismo e fiscal a algum tributo. Vale destacar que para quem tem surdez, as palavras têm características mais icônicas<sup>11</sup> e metafóricas pelo fato de a comunicação ser visual.

Assim, gerar um discurso passa por um conjunto de hipóteses sobre o mundo em que vive o destinatário, no caso, o telespectador, bem como seus movimentos interpretativos em função do possível retorno que se espera – o que não significa dizer que o telespectador exista no mundo real. É um “leitor-modelo” (neste caso, “telespectador-modelo”) como denomina Eco (1983), um receptor idealizado, sem deficiência, dono de um conjunto de capacidades preparado para movimentá-lo de forma interpretativa do modo como o telejornal planejou.

[...] todo programa de TV se define a partir de uma *situação de comunicação* imaginada por um produtor. Em tese, há uma audiência específica para o telejornalismo, outra para as novelas, outra para os programas de auditório etc. Pode-se dizer, em princípio, que existem vários estilos na linguagem da TV, tendo em vista essa variedade de audiências. (PRETI, 1991, p. 232)

Por isso, a linguagem televisiva conta com os seguintes códigos e subcódigos:

- a) Código Icônico: tem como base processos de percepção visual, que se desenvolvem a partir de um código – se a compreensão for “uma interação entre os estímulos de um dado campo e os esquemas perceptivos, adquiridos por aprendizagem e propostos pelo sujeito”. (ECO, 1993, p. 375). Assim, uma imagem pode fazer referência a si própria ou a outra imagem conhecida *a priori* pelo telespectador.

De acordo com o autor,

o código é sempre *figurativo*, ou *icônico*: perceberei certas formas no vídeo como imagem de outras formas já conhecidas, se as primeiras possuírem elementos estruturais homólogos às segundas, em número suficiente para constituírem seu “modelo reduzido” (ECO, 1993, p. 375).

O código icônico possui subcódigos:

<sup>10</sup> É um termo referente a operações orçamentárias realizadas pelo Tesouro Nacional que não estavam previstas na legislação, havendo atrasos no que diz respeito a repasses de verba a bancos públicos e privados financiadores de despesas do governo com o objetivo de amenizar a situação fiscal em determinado período.

<sup>11</sup> Segundo Pinto (2009), o signo pode ter três tipos de relação com o objeto: o ícone, o índice e o símbolo. O ícone é um signo que faz referência a seu objeto pela similaridade de suas qualidades. Por exemplo: uma pintura é semelhante ao objeto que está representado nela. O índice é o que aponta para o objeto, como a fumaça, indicando que há fogo. Por fim, o símbolo, que evoca o objeto de forma convencional, isto é, não tem relação com a coisa representada e tem caráter arbitrário. Por exemplo: a cor branca simbolizando a paz.

- Subcódigo iconológico: algumas imagens possuem sentidos conotativos que vão além do que estão mostrando, têm características tradicionais, estereotipadas. Por exemplo: uma velhinha sorridente caminha em direção a um garotinho também alegre, conotando a relação entre a avó e o neto.
- Subcódigo estético: possui relação com a tradição do gosto, do belo, visto que é algo culturalmente instituído por convenções dadas. Podemos usar como exemplo o corpo das mulheres durante a época renascentista, que prezava por um aspecto saudável, representado pela aparência de corpo avantajado. Ao contrário do padrão atual, a beleza estava não em ser magra, mas ter um corpo com o peso acima do ideal, do saudável. Atualmente, o padrão de beleza é ter o corpo trabalhado pela ginástica, com músculos definidos por exercícios físicos.
- Subcódigo erótico: também está relacionado a convenções orientadas pela tradição do gosto.

Esse subcódigo confunde-se, sob vários aspectos, com o estético: um tipo de mulher é ridículo se comensurado a uma tradição cômica. Um homem de pano preto no olho é eroticamente interessante, se comensurado também ao subcódigo iconológico que o conota como 'pirata', e a um subcódigo estético que conota o pirata como 'romântico' (ECO, 1993, p. 377).

- Subcódigo da montagem: determina regras de composição das imagens no vídeo, tanto com relação à escolha de enquadramento como na sequência das imagens. O encontro entre a avó e o neto, exemplificado no subcódigo iconológico, se dá por meio do subcódigo da montagem por meio de cortes sucessivos, compreendendo a relação entre as duas pessoas.
- b) Código Linguístico: é o código da língua falada, isto é, todas as formulações verbais necessárias para transmitir uma mensagem. No entanto, esse código não é necessariamente conhecido por todos os telespectadores. Por isso, Eco (1993) apresenta dois subcódigos:
- Jargões especializados: terminologias técnicas, como jargões científicos, médicos, jurídicos etc.
  - Sintagmas de valor estilístico adquirido: corresponde ao subcódigo estético do código icônico no sentido de gerar conotações emotivas instituídas culturalmente, como ironia, desconfiança, entre outros. Dessa maneira, podemos citar tanto apresentadores de telejornais quanto repórteres que, por mais que não façam comentários diretos a

respeito da notícia divulgada, utilizam de expressões faciais para demonstrarem o que pensam sobre o assunto.

Eco (1993) explica também o código sonoro e seus respectivos subcódigos (emotivos, sintagmas de valor estilístico adquirido e sintagmas de valor convencional), no entanto, não serão detalhados nesta pesquisa por não se adequarem ao público surdo, além de estarem presentes, sobretudo, em outros tipos de programas televisivos, como novelas e programas de auditório.

Em suma, os códigos e subcódigos que compõem a linguagem televisiva não se encontram de forma isolada, porque se relacionam entre si e se complementam a todo o momento durante a transmissão, dando corpo à mensagem. Por isso, a relação entre sons e imagens será tratada no subtema a seguir.

### **3.2 Relação entre imagens e sons no telejornalismo**

Segundo Duarte e Curvello (2009), o telejornal se baseou, inicialmente, no jornalismo radiofônico, apropriando-se da impostação da voz dos apresentadores, bem como da estrutura dos discursos, que se assemelha a do rádio – com a diferença que se articula com sons e imagens. A imagem televisiva serve como base para os códigos citados no item anterior, levando em conta que o icônico antecede o linguístico e o sonoro. Entretanto, isso não significa uma imposição da imagem sobre o som e a palavra. A imagem, neste caso, tem o poder de denotar vários sentidos, sendo capaz de relacionar com outros significados e representar o que está ausente no vídeo.

Como a nossa sociedade valoriza a imagem, o telespectador fica pressionado a esquecer o que ouve por ser forçado a focar no que vê. De acordo com Plaza (2003), a visão possibilita selecionar a informação, ao passo que o canal auditivo é obrigado a perceber simultaneamente várias imagens acústicas. “Outra diferença: o canal visual pode escolher a sua fonte de informação, o canal auditivo tem mais dificuldade em localizar a sua fonte.” (PLAZA, 2003, p. 59).

Sob essa perspectiva, “ver, lança-nos para fora. Ouvir, volta-nos para dentro” (CHAUÍ, 1988, p. 47). O ato de ouvir pede tempo, é como se estivéssemos lendo um texto, por exemplo – o que possibilita o indivíduo a pensar. Baitello Jr. (1999) destaca que o tempo gasto da visão é mais rápido se comparado ao tempo da audição. Por isso, as falas televisuais

são marcadas, geralmente, por “textos simples, baixa taxa de subordinação, inventário lexical redundante, formas diretas de interlocução”. (ROCCO, 1991, p. 242-243).

Apesar de as imagens causarem interesse no telespectador, elas não se sustentam sem o verbal, porque ele esclarece situações, aumenta possibilidades narrativas e explica ações que as imagens nem sempre conseguem ilustrar.

Uma imagem muda é perigosa, porque a busca de seu sentido fica livre, o mundo pleno de significado oscila em sua base. Em consequência dessa compreensão, acredita-se que o espectador tende a mudar de canal ou a supor que haja uma falha técnica da emissora. Isso prova um pouco, de maneira caricatural, que esse papo de ‘TV é imagem’ é mais uma frase feita do que outra coisa. Eu diria até que, num certo nível, a TV tal como se pratica depende tanto do som quanto da imagem, ou mais do som do que da imagem. (COUTINHO, 1991, p. 281-282).

Portanto, a notícia telejornalística precisa do áudio como base para sua linguagem, já que as imagens sozinhas tentam testemunhar o fato e não conseguem mostrar aspectos como lugar, tempo e contexto. Além disso, a forma e a velocidade com que as imagens são apresentadas as tornam vazias e não mostram uma informação concreta, sendo consideradas pobres em relação ao sentido.

### 3.3 Algumas características dos telejornais

Para sustentar seus traços tonais (seriedade, ritmo, postura corporal dos jornalistas, neutralidade, entre outros), os telejornais atuam em dois tipos de locais: os internos (espaços do cenário) e os externos, onde, em geral, se desenrolam os acontecimentos noticiados. De acordo com Duarte e Curvello (2009), os internos são onde os apresentadores ficam sentados, geralmente, num estrado mais alto, em uma bancada de apoio com a finalidade de demonstrar quem detém a informação e é responsável por divulgá-la. O fundo do cenário pode conter mapas, figuras abstratas, *letterings*<sup>12</sup>, a logomarca do telejornal, entre outras telas – uma plasticidade que aponta para o domínio de informações em nível mundial. Há também, em um plano inferior, pessoas trabalhando em frente a computadores, outras andando, garantindo movimento e notícias atuais. É como se a equipe do telejornal trabalhasse para o telespectador, oferecendo-lhe informações de última hora.

Diante desse modelo adotado pelos telejornais brasileiros, e que é também um modelo prevalente em TVs por todo o mundo, o apresentador olha diretamente para a câmera ao dar as notícias com o objetivo de falar para o telespectador, para ele se sentir parte do

<sup>12</sup> Informações escritas sobre a imagem mostrada.



compartilhamento de informações. Nesse contexto, o apresentador (que, em algumas emissoras, também possui a função de âncora) lê o que está no *teleprompter*<sup>13</sup> (TP) para que não desvie o olhar da câmera. Segundo Jaspers (1998), isso aumenta a credibilidade ao transmitir a mensagem. “O fato de o telespectador ver o jornalista consultar, sem parar, as suas notas pode sugerir uma falta de competência nas matérias tratadas.” (JESPERS, 1998, p. 125).

O apresentador também grava *offs*<sup>14</sup>, geralmente, para mostrar quais as reportagens que o telejornal irá exibir, bem como notícias curtas (notas) com imagens estáticas ou em movimento. Então, a narrativa do telejornal consiste, basicamente, em uma chamada da reportagem a ser mostrada – o apresentador aparece ao vivo introduzindo o assunto que será detalhado posteriormente, e, em seguida, sua imagem deixa de ser vista para dar lugar à matéria do repórter. Esta pode ser composta por uma passagem<sup>15</sup> e várias falas de fontes diferentes, visto que é senso comum dizer que um bom telejornal veicula reportagens objetivas, neutras (apresenta todos os lados dos envolvidos) e fieis à realidade.

É aí que entra a questão da verdade, pois a partir de um mesmo fato ou acontecimento, podem ser produzidos relatos bastante diferentes, todos verdadeiros, porque respeitam as fontes, mas todos diversos, porque operam seleções, focalizações e montagens diferentes: a televisão não reflete o real, ela o conforma. (DUARTE; CURVELLO, 2009, p. 69).

Além disso, o repórter pode aparecer ao vivo, reforçando o caráter de urgência e atenção ao tema tratado. Com relação a comentários explícitos feitos pelos jornalistas, Barbeiro e Lima (2005) afirmam que a maioria dos apresentadores e repórteres não costumam expressar opiniões durante suas falas. Eles o fazem, normalmente, por meio de expressões faciais e tom de voz.

### 3.4 Codificação e decodificação das mensagens

Diante das características citadas a respeito dos telejornais, bem como a linguagem utilizada, sobretudo seu público idealizado, é importante pensar sobre o processo entre a codificação e a decodificação das mensagens, pois esse processo sofre transformações ao

<sup>13</sup> Equipamento fixado à câmera de vídeo que mostra o texto que o apresentador vai ler.

<sup>14</sup> Narração gravada para cobrir alguma imagem com o locutor fora de campo.

<sup>15</sup> É o momento em que o repórter aparece na reportagem. A passagem pode ser utilizada por vários motivos, entre eles: a falta de imagem para cobrir o que está sendo dito, dar ênfase a alguma informação, participar do assunto ou unir situações diversas.

entrar e ao sair da forma discursiva – independentemente se o telespectador é ouvinte ou surdo. Nesse sentido, os telejornais que veiculam tanto informações em língua de sinais quanto na forma convencional estão condicionados à influência de códigos e subcódigos da linguagem televisiva.

Parte-se do pressuposto que a comunicação por parte do telejornal seja dialógica, onde o telespectador, individualmente, não só decodifica e interpreta as mensagens, como também codifica o discurso, dando uma resposta ao telejornal. Baseando-se nessa resposta ou na suposição dela, o telejornal pauta e orienta as intenções e mensagens a serem veiculadas.

Assim, a codificação começa quando o telejornal molda e reconta determinados assuntos eleitos pela emissora como “importantes”, seguindo padrões discursivos pré-estabelecidos. É importante observar que os signos, especialmente os icônicos, possuem relação aparente com fatos “reais” construídos socialmente, isto é, os signos não são reais em si e precisam ser codificados para, posteriormente, serem traduzidos por meio da linguagem, que é sempre um código que representa o real, mas não o real em si, é um real subjetivo. Por esse motivo, o telejornal utiliza códigos “universalizados” na tentativa de fazer o telespectador decodificar o que ele pretendia na codificação.

Com relação ao sentido conotativo dos signos, Hall (2003, p. 395) afirma que “é onde os signos já codificados se interseccionam com os códigos semânticos profundos de uma cultura e, assim, assumem dimensões ideológicas adicionais e mais ativas”. Como existe uma ligação com a cultura, os significados e usos desses signos são estabelecidos socialmente. O autor esclarece, portanto, que decodificar uma mensagem não significa codificar uma nova informação de acordo com as expectativas do emissor. Hall (2003) cita, então, três possíveis tipos de recepção:

- a) Leitura dominante: o telespectador, neste caso, se apropria do sentido conotado, aceita e reproduz a mensagem como foi codificada.
- b) Leitura negociada: apesar de receber informações de acordo com o modo dominante, o telespectador não exclui elementos de oposição e adaptação.
- c) Leitura oposicional ou contra-hegemônica: o telespectador opera no sentido de oposição. Ou seja, ele pode até entender o sentido do discurso, mas utiliza um referencial diferente para a decodificação.

Em suma, o processo de percepção perpassa caminhos diferentes e enfrentamentos que não são controlados por quem codifica as mensagens, havendo falhas (em maior ou menor

grau), que são inerentes ao processo comunicativo. No caso do presente trabalho, mesmo havendo essas falhas, o telejornal precisa oferecer, no mínimo, recursos de acessibilidade para que o público surdo tenha acesso às informações.

### **3.5 Recursos de acessibilidade**

Considerando o conceito de inclusão social utilizado por Aranha (2001, p.2) no sentido de ser uma “filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade. (sic) Isto significa garantia de acesso de todos a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social”, é fundamental refletir sobre os recursos de acessibilidade que estão (ou deveriam estar) disponíveis aos telespectadores surdos. Pensando nisso, o Ministério das Comunicações definiu, por meio da Portaria nº 310, no dia 27 de junho de 2006 (BRASIL, 2006a), a exigência da oferta de alguns recursos para a programação veiculada nos serviços de radiodifusão e de retransmissão televisiva, como a legenda oculta e a janela de Libras.

#### *3.5.1 Legenda Oculta*

A legenda oculta ou *closed caption* (CC) é a transcrição em Língua Portuguesa de diálogos, sons ambientes e outros ruídos que não seriam percebidos ou compreendidos por pessoas surdas. Esse recurso é voltado para quem é oralizado (e tem agilidade para esse tipo de leitura). Além disso, é ativado por meio da tecla CC do controle remoto. Contudo, ainda há aparelhos de TVs que não possuem o recurso disponível por terem sido fabricados antes do ano 2000.

Apesar de o Ministério das Comunicações (BRASIL, 2006a) ter aprovado a norma no ano de 2006, exigindo duas horas por dia de transcrição de cada emissora, no dia 24 de março de 2010, a Portaria nº 188 (BRASIL, 2010), instituiu um cronograma em que estabeleceu prazos para a adoção progressiva desses recursos:

- a) no mínimo, uma hora, na programação veiculada no horário compreendido entre 8 (oito) e 14 (quatorze) horas, e uma hora na programação veiculada no horário compreendido entre 20 (vinte) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 24 (vinte e quatro) meses, contado a partir da data de publicação desta Norma;
- b) no mínimo, duas horas, na programação veiculada no horário compreendido entre 8 (oito) e 14 (quatorze) horas, e duas horas na programação veiculada no horário compreendido entre 18 (dezoito) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 36 (trinta e seis) meses, contado a partir da data de publicação desta Norma;

- c) no mínimo, três horas, na programação veiculada no horário compreendido entre 8 (oito) e 14 (quatorze) horas, e três horas na programação veiculada no horário compreendido entre 18 (dezoito) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 48 (quarenta e oito) meses, contado a partir da data de publicação desta Norma;
- d) no mínimo, quatro horas, na programação veiculada no horário compreendido entre 8 (oito) e 14 (quatorze) horas, e quatro horas na programação veiculada no horário compreendido entre 18 (dezoito) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 60 (sessenta) meses, contado a partir da data de publicação desta Norma;
- e) no mínimo, seis horas, na programação veiculada no horário compreendido entre 6 (seis) e 14 (quatorze) horas, e seis horas na programação veiculada no horário compreendido entre 18 (dezoito) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 72 (setenta e dois) meses, contado a partir da data de publicação desta Norma;
- f) no mínimo, dezesseis horas, na programação veiculada no horário compreendido entre 6 (seis) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 94 (noventa e quatro) meses, contado a partir da data de publicação desta Norma;
- g) no mínimo, vinte horas, na programação diária total, dentro do prazo de 106 (cento e seis) meses, contado a partir da data de publicação desta Norma; e
- h) a totalidade da programação diária, dentro do prazo de 132 (cento e trinta e dois) meses, contado a partir da data de publicação desta Norma. (BRASIL, 2006)

A ideia, então, é aumentar o tempo da legenda na programação de forma gradativa até atingir 24h. Araújo (2008, p.4) observa que usamos o modelo norte americano de *closed caption*, porque “nesse sistema, as legendas são convertidas em códigos eletrônicos e inseridas na linha 21 do intervalo vertical em branco do sinal da TV, ou seja, na barra horizontal localizada entre as imagens da televisão.”.

Nos programas ao vivo, como telejornais, geralmente, o aparelho utilizado para produzir a legenda é o estenótipo, que é manuseado por um profissional denominado estenotipista. De acordo com Amaral e Souza (2007), essa pessoa é responsável por transcrever os sons e, para isso, usa um teclado que contém 24 teclas, que podem ser batidas ao mesmo tempo.

Nesse contexto, são oferecidas ao estenotipista combinações – como se fosse um corretor de palavras que “adivinha” o que se pretende escrever, diferentemente de um computador onde a pessoa digita letra por letra de uma palavra. Os autores Amaral e Souza (2007) afirmam também que as palavras não são digitadas de acordo com a norma ortográfica, valendo a fonética similar. Um programa de computador procura a palavra mais semelhante em um banco de dados lexical, podendo haver erros. De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2005) NBR 15290:2005<sup>16</sup>, o índice de acerto deve ser de, pelo menos, 98% em programas ao vivo.

Há momentos também em que os digitadores não precisam usar as teclas, porque os apresentadores dos telejornais estão lendo a notícia no *teleprompter*. Então, esse texto entra na transmissão. Além disso, cada estenotipista possui seu dicionário e vai abastecendo o banco

---

<sup>16</sup> Norma que estabelece diretrizes gerais voltadas para a acessibilidade em programas televisivos.

de dados com o passar do tempo para aumentar o desempenho do recurso que manejam. Para se ter uma ideia, um digitador experiente consegue registrar em média 65 palavras por minuto em um computador, enquanto um estenotipista que está iniciando alcança mais de 160 palavras (num tempo simultâneo).

Já em programas gravados, como novelas, é comum a legenda oculta funcionar por meio de um software que reconhece a voz, baseada em um banco de dados, e a transcreve. Entretanto, um editor, com frequência, deve inserir algumas informações textuais adicionais, como barulho de buzina, palmas etc. Ele deve também corrigir e confirmar as legendas, visto que o software tem dificuldade de registrar o que as pessoas falam num mesmo momento.

Para além disso, é possível perceber a velocidade acelerada das mensagens e a falta de compatibilidade e sincronia com a locução do material mostrado com as imagens veiculadas. De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2005), se a legenda for disponibilizada ao vivo, ela pode atrasar no máximo 4 segundos. Já no sistema gravado, ela deve acompanhar o tempo exato de veiculação. A cor dos caracteres (sem a tarja preta ao fundo) também pode dificultar a leitura da pessoa surda por se confundir com a imagem mostrada no momento. Ou seja, quando há apenas caracteres de determinada cor, como amarela. O ideal é utilizar a tarja preta sob caracteres brancos a fim de facilitar a visualização.

Pelo fato de a Libras ser um idioma espaço-visual diferente da modalidade oral-auditiva, outra barreira que pode ser apontada também com relação à legendagem são referências a detalhes da ordem da visualidade, que fogem da observação do ouvinte, mas que estão presentes na realidade da pessoa surda. Como podemos exemplificar:

- a) Se a legenda estiver se referindo ao ambiente, como o termo “água corrente”: o entendimento pode ser confuso, pois ao pensar na relação entre água e corrente, a pessoa surda pode buscar em seu repertório visual a imagem da água e da corrente (de forma literal), já que o ícone tende para a singularidade (os membros de termos compostos se separam).
- b) Com relação aos indivíduos, por exemplo “este bebê é muito barulhento”: quem tem surdez, comumente, não compreende o termo “barulhento” da mesma forma que o ouvinte pelo fato de a expressão fazer parte da cultura oral.
- c) A respeito dos sons, como na frase “o interfone está tocando”: a campanha das pessoas surdas é adaptada, então, em vez de emitir som, ela pode acender a luz, por exemplo.

A partir desses exemplos, é possível que surja o questionamento sobre o fato de isso ser algo positivo, pois os surdos que assistem TV com a legenda ativada podem aumentar seu repertório linguístico. Então, se o termo “barulhento” aparecer, o telespectador pode apreendê-lo. Tal possibilidade é pertinente e interessante de se pensar. No entanto, se levarmos em conta a velocidade com que o *closed caption* aparece, é natural que os termos desconhecidos tendam a ser ignorados.

Outro obstáculo de acessibilidade que pode ser indicado é com relação à inserção da legenda por cima dos créditos de uma reportagem, onde aparecem nomes de entrevistados, apresentadores, repórteres, produtores, lugares ou informações adicionais. Isso acontece pela falta de atenção à norma, que determina que cada linha deve ter no máximo 32 caracteres e até três linhas (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2005). A legenda, ao vivo, deve estar posicionada de preferência na parte inferior da tela, mas quando tiver outro texto no mesmo lugar, a legenda deve estar na parte superior da tela. Já com relação ao sistema gravado, o CC pode se encontrar em diferentes níveis da tela, variando com as situações.

Há ainda telejornais que possuem legenda aberta, que independe de um aparelho e é feita em estúdios. De acordo com Araújo (2008), esse tipo de legenda é

aquela sobreposta à imagem antes da transmissão ou exibição, ou seja, sempre aparece na tela e não depende de um decodificador para ser acionada. Pode ser “virtual”, no caso de transmissão por satélite, “queimada” a ácido (nos filmes em película para exibição em cinema) ou gravada eletronicamente (nos filmes para distribuição em vídeo). Pode ser de cor amarela ou branca, podendo aparecer na tela centralizada e alinhada à esquerda ou direita. (2008, p. 2).

Essa legenda pode ser uma espécie de subtítulo a respeito de uma reportagem ou outra notícia diferente da que está sendo mencionada para dar uma ideia de dinamismo e atualidade. Nesse cenário, a leitura do *closed caption* com essa legenda aberta poderia causar certa confusão para o telespectador surdo.

Vale destacar que a transmissão de mensagens por meio da legenda muda a forma de interação entre os códigos da linguagem televisiva apontados por Eco (1993), porque o icônico deixa de se referir apenas aos aspectos referentes à percepção visual e passa a ter outra função: a linguística, já que as imagens não mais circulam de maneira livre. O elemento verbal se associa a um mesmo canal de percepção visual. No entanto, o elemento linguístico não perde as características associadas à língua ou às formulações verbais. Ele passa a ser

determinado pelas características e processos dados nas imagens televisivas, como montagem, corte e representações que as imagens podem produzir.

Dessa forma, a percepção das imagens é direcionada pelo conteúdo mostrado nas legendas. É um processo parecido ao das imagens de jornais impressos. Por exemplo, quando lemos a legenda que está abaixo da fotografia, os sentidos a partir daquela imagem se orientam pelas informações que foram escritas na legenda. Nesse contexto, o *closed caption* proporciona outras maneiras de apropriação do conteúdo que está sendo transmitido e não fica isento de influências dos subcódigos que compõem o código icônico proposto por Eco (1993).

Diante dessa perspectiva do uso da legenda em telejornais brasileiros, podemos afirmar que, como há predominância da Língua Portuguesa, o processo de tradução do que se ouve para o que se vê possui caráter intralingual, já que a decodificação dos discursos é feita dentro do mesmo idioma. Segundo Jakobson (apud PLAZA, 2003), esse tipo de tradução é a interpretação de uma língua para a mesma língua, isto é a Língua Portuguesa oral para a escrita.

Há também outros dois tipos de tradução: a interlingual (a interpretação de uma língua para outra língua, como um discurso do Inglês para o Espanhol) e a intersemiótica ou transmutação, que é definida por Jakobson (apud PLAZA, 2003) como a interpretação de um sistema de signos para outro, por exemplo: da Língua Portuguesa (língua oral) para a Libras (língua espaço-visual), isto é, a tradução de um discurso acústico para o discurso visual, como veremos a seguir.

### 3.5.2 Janela de Libras

A Janela de Libras se caracteriza como um espaço determinado na tela da televisão (geralmente posicionado no canto inferior direito), onde as informações são traduzidas para a Língua Brasileira de Sinais. No entanto, esse recurso só é obrigatório em programas eleitorais, partidários e campanhas institucionais do governo, além de informativos de utilidade pública (BRASIL, 2006a). Para os outros programas isso se torna opcional, podendo ser utilizado apenas o CC – o que denota a pressuposição de que as pessoas surdas sejam oralizadas.

Com relação aos telejornais nacionais de emissoras de televisão aberta, especificamente, podemos observar que apenas um (o programa Visual, da TV Brasil) conta com um intérprete de Libras<sup>17</sup>. Um fato curioso é que programas de cunho religioso

---

<sup>17</sup> Possivelmente, o custo de ter um intérprete disponível e a mudança de formato (com a inserção da janela de Libras) podem interferir na não adesão do recurso.

costumam inserir esse recurso de acessibilidade, mesmo não sendo ainda obrigatório. Isso pode ser explicado quando levamos em consideração a história da origem do intérprete de Libras. A figura desse profissional, que faz a mediação entre pessoas surdas e ouvintes, surgiu na década de 1980 justamente em atividades de caráter religioso.

Ainda há muita resistência para inserir esse recurso na programação televisiva e quando ele existe, geralmente, aparece no canto inferior da tela, tem tamanho pequeno e está visivelmente fora das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (2005), que determina que a altura da janela deva ocupar, pelo menos, metade da altura da tela da televisão e a largura deve preencher, no mínimo, a quarta parte da largura da tela. Além disso, a janela de Libras não pode ser encoberta pelas tarjas das legendas oculta e aberta, e quando isso se fizer necessário, haverá o deslocamento da janela na tela da televisão.

Para que a mensagem possa ser transmitida com clareza, as roupas, pele e cabelo do intérprete de Libras devem contrastar entre si e com o fundo do cenário (Foto 1), visto que o foco deve abranger a gesticulação, expressão e movimentação do profissional. Cunha (2012) destaca que para essa ferramenta de acessibilidade funcionar

é necessária a contratação de um tradutor de Libras, de preferência graduado e/ou especializado, para que seja disponibilizada sua imagem no vídeo, além da edição dos programas com a inserção da tela de um tradução sobre o programa. (CUNHA, 2012, p. 94)

**Foto 1: Transmissão do Visual com intérprete de Libras**



**Fonte: TV BRASIL (2017c).**

Como a função da janela de Libras é traduzir o que está sendo dito na língua oral para a língua gestual, podemos dizer, a partir de Jakobson (apud PLAZA, 2003), que esta é um tipo de tradução intersemiótica, porque envolve sistemas de signos diferentes. Com base em



Peirce, Eco (2007) explica que, como o signo é algo que induz outra coisa (interpretante) a se referir a um objeto que ele mesmo faz referência, o interpretante pode não apenas traduzir, mas também inferir sobre proposições lógicas com relação ao signo. Então, o interpretante acaba por dizer algo a mais ou a menos sobre o objeto.

Dessa forma, a tradução envolve um processo cognitivo e linguístico caracterizado por intenções comunicativas, já que o intérprete está inserido em um determinado contexto sociocultural e possui experiências particulares. A forma como o mediador compreende e percebe o mundo, bem como suas vivências afetam a maneira como traduz os discursos – motivo este que faz com que uma tradução seja diferente da outra, apesar da similaridade. “A tradução modifica o original porque este também é produto de sua leitura e, ambos, original e tradução, estariam impossibilitados de chegarem a completar sua intenção que é precisamente a de atingir a ‘língua pura.’” (PLAZA, 2003, p. 32).

Por isso, a tradução não é percebida como um processo literal, mas, sim, semelhante. Seguindo essa ideia, é preciso considerar o contexto da informação e seus detalhes com o objetivo de negociar o sentido ao traduzir. “Negocia-se o significado que a tradução deve expressar porque se negocia sempre, na vida cotidiana, o significado que devemos atribuir às expressões que usamos.” (ECO, 2007, p. 100).

Levando isso em conta, alguns autores diferenciam os termos tradução de interpretação. Para Davis (2002), a tradução é entendida como algo que envolve textos escritos e a interpretação denota a conversão falada ou sinalizada de um discurso da língua fonte para a língua alvo. Ainda de acordo com o autor, de modo geral, a tradução/ interpretação é o ato de transferir um significado de um idioma para outro – independentemente da maneira utilizada.

Conforme Magalhães Jr. (2007, p. 44), há dois tipos de interpretação que demandam do intérprete habilidades particulares: a interpretação simultânea e a consecutiva. No primeiro caso, “o intérprete vai repetindo na língua de chegada cada palavra ou ideia apresentada pelo palestrante na língua de partida.”. Então, esse profissional deve ter uma boa memória, agilidade e conhecimento tanto cultural quanto dos idiomas envolvidos.

De acordo com Magalhães Jr. (2007), esse tipo de interpretação tem o benefício de não aumentar o tempo do evento, em contrapartida exige recursos técnicos, como cabine para o intérprete e fones de ouvido. Já na tradução consecutiva não são necessários recursos tecnológicos, porque o intérprete ouve o que deve ser traduzido e produz um discurso negociado – que não segue necessariamente o que o orador está dizendo.

Magalhães Jr. (2007) destaca também que, em ambos os tipos de interpretação, o intérprete deve ter acesso prévio ao conteúdo a ser traduzido – levando em conta que há improvisações e alterações. Por isso, a tradução intersemiótica do discurso acústico para o visual inclui, além da interação semiótica entre processos de compreensão e produção, conhecimento individual, experiências, cultura e expectativas por parte do intérprete e, neste caso, do telespectador o qual ele se dirige.

Diante dos caminhos da escrita que foram apresentados até aqui sobre surdez e telejornalismo, podemos, finalmente, partir para a investigação empírica. Por isso, no próximo e último capítulo falaremos a respeito da percepção dos telejornais Visual e Jornal Nacional por telespectadores surdos.

#### 4 JN E VISUAL SOB A PERSPECTIVA DO TELESPECTADOR SURDO

Como mencionado na introdução, para entender como as pessoas surdas recebem e interpretam as notícias veiculadas em telejornais brasileiros foi realizado um trabalho de campo com um estudo de percepção juntamente a telespectadores surdos, que não teve a intenção de obter respostas conclusivas a respeito do tema, mas, sim, refletir sobre possíveis caminhos. Para tanto, foram realizados dois encontros<sup>18</sup> em que os participantes assistiram a reportagens veiculadas por dois telejornais: o Visual (da emissora TV Brasil) e o Jornal Nacional (da Rede Globo). O Visual foi escolhido por ser o primeiro telejornal brasileiro a contar com um intérprete de Libras durante todo o programa, ao passo que o Jornal Nacional foi definido pelo fato de ser o principal telejornal da emissora de TV aberta mais vista pela população brasileira (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2016).

Em termos metodológicos, portanto, esta pesquisa procedeu a uma revisão bibliográfica privilegiando aspectos da semiótica peirceana acerca dos conceitos de percepção e tradução, comunicação das pessoas surdas, processos de codificação e decodificação da linguagem televisiva, entre outros. No que diz respeito à abordagem empírica, este trabalho tem caráter qualitativo, haja vista que privilegia o conteúdo dos discursos dos participantes ao avaliarem como se deu a experiência de assistirem aos vídeos.

Além disso, as entrevistas individuais e discussões em grupo tiveram característica semiestruturada, cujas questões mistas ajustaram as perguntas aos indivíduos e/ou os contextos. Nesse sentido, o encontro com o grupo de discussão foi gravado em um equipamento de captação de vídeo e transcrito para a análise que veremos a seguir, além de ser intermediado pela intérprete Gislaíne do Rosário Pereira Nonato, que é Especialista em Libras e Educação de Surdos e Especialista em Tradução e Interpretação em Libras.

O primeiro encontro se deu com um grupo de cinco surdos e foi realizado em 2016, na Associação dos Surdos de Contagem, no município de Contagem/MG. O grupo assistiu uma reportagem do JN (sem a legenda e depois com o recurso ativado) e uma do Visual sobre o mascote das Olimpíadas.

---

<sup>18</sup> No primeiro encontro, que ocorreu na Associação dos Surdos de Contagem, no dia 26 de agosto de 2016, participaram cinco surdos oralizados e não oralizados (quatro homens e uma mulher). Já no segundo encontro, que aconteceu na Igreja Batista Getsêmani BH, no dia 30 de setembro de 2017, participaram seis surdos oralizados e não oralizados, que moram em Belo Horizonte e região metropolitana e possuem níveis de escolaridades diferentes.

Esse experimento inicial foi importante para pensar em outras questões no segundo encontro, que contou com seis pessoas surdas oralizadas e não oralizadas, com surdez profunda (congenita e adquirida), homens e mulheres, que vivem em Belo Horizonte e região metropolitana, e que possuem níveis de escolaridade distintos. Pelo fato de os participantes frequentarem a Igreja Batista Getsêmani BH e já se conhecerem, a conversa fluiu com mais naturalidade. O grupo, que estava em uma sala de porte médio, assistiu as reportagens a três metros da projeção de um telão. A conversa sobre cada vídeo era realizada imediatamente depois da sua exibição, com duração de cerca de 10 minutos. Ressalto que a reportagem do JN sem legenda era exibida antes e, em seguida, com o recurso ativado. Por isso, os comentários foram feitos com base no que entenderam sem e com o CC.

Apesar de as reportagens terem sido exibidas na segunda quinzena do mês de setembro de 2017, o grupo focal assistiu os seis vídeos em um só dia. Destaco que o material foi escolhido de forma aleatória e seguia o critério de duração – entre um e três minutos. Ao contrário do primeiro encontro, que analisou o grupo focal a partir de duas reportagens, a segunda análise contou com seis vídeos (três de cada telejornal). A quantidade aumentou, porque a proposta foi mostrar não apenas um trecho dos programas e apresentar as opiniões dos participantes sobre o que acabaram de ver, mas, também, buscar identificar se os telespectadores operam ou não dentro dos códigos televisivos, as possíveis falhas no processo de transmissão das notícias, as possíveis mudanças que os dois telejornais poderiam sofrer, entre outros.

## **4.1 Os telejornais analisados**

### *4.1.1 O Visual*

O Visual estreou com o nome Jornal Visual em 1988 e foi escolhido para esta pesquisa por ser o primeiro telejornal do Brasil a ter um intérprete da Língua Brasileira de Sinais durante todo o conteúdo transmitido. É um programa voltado para a comunidade surda, então, todas as informações veiculadas através da Língua Portuguesa oral são traduzidas para a Libras.

Assim como acontece na produção de outros telejornais, o Visual também idealiza seu telespectador surdo e pressupõe o que ele gostaria de assistir, procurando mostrar reportagens sobre acessibilidade, notícias do Brasil e do mundo, ensinar algumas palavras em Libras e a aplicabilidade em frases, além de realizar, semanalmente, entrevistas com pessoas com

deficiência e profissionais da área. Ele tem cerca de doze minutos de duração e é exibido de segunda à sexta-feira, às 8h, com reprise à 1h. Além de ser transmitido pela TV Brasil, as edições do programa estão disponíveis no site da emissora ([www.tvbrasil.ebc.com.br/visual](http://www.tvbrasil.ebc.com.br/visual)).

O jornal possui dois apresentadores, Cláudia Jacob e Jhonatas Narciso, que interpretam todo o conteúdo em Libras e narram o que está sendo traduzido. Eles se apresentam juntos e, algumas vezes, sozinhos (um interpreta todo o programa, inclusive as reportagens, e o outro atua como locutor, ou um interpreta e ainda se expressa por voz etc.). Essa dinâmica varia a cada apresentação, como é possível ilustrar nas Fotos 2 e 3.

**Foto 2: Apresentação do Visual com Cláudia Jacob**



Fonte: TV BRASIL (2017a).

**Foto 3: Apresentação do Visual com Cláudia Jacob e Jhonatas Narciso**



Fonte: TV BRASIL (2017b).

Como podemos observar, o cenário possui, em sua predominância, as cores verde e cinza. A cor verde é considerada cor secundária pelo fato de ser a junção das cores azul e amarela, além de ser caracterizada como fria, transmitindo a sensação de frio, seriedade, relaxamento e tranquilidade. A cor cinza, por sua vez, é considerada como neutra, complementando o verde e sendo caracterizada pela pouca energia, baixo reflexo e intensidade.

Por isso, o cenário não cansa o olhar do telespectador e proporciona uma visualização mais clara dos apresentadores e, principalmente, dos sinais mostrados por eles, gestos e expressões faciais e corporais. A intenção é ter poucas interferências visuais para não competir com a presença dos apresentadores e, conseqüentemente, desviar a atenção do público.

Com base nas Fotos 2 e 3 é possível perceber também que, contrastando com o cenário, as vestimentas usadas por Claudia Jacob e Jhonatas Narciso facilitam a observação dos sinais realizados. Por esse motivo, vale destacar que os intérpretes costumam usar mais roupas escuras, sobretudo da cor preta, para que as mãos fiquem mais visíveis.

Com uma tela de TV ao fundo mostrando a logomarca do Visual (com a finalidade de identificar o telejornal e as editorias a serem mostradas, como Esporte e Acessibilidade, por exemplo, e não de apresentar imagens dos assuntos anunciados), a dupla de apresentadores se posiciona atrás de uma bancada, seguindo os moldes adotados nos telejornais brasileiros, além de se expressar diante da câmera para o telespectador. A leitura do texto é gravada antes, porque, no momento da apresentação, Claudia e Jhonatas fazem apenas os sinais. Porém, tanto a locução quanto os sinais são exibidos simultaneamente.

Nesse contexto, eles não assumem a posição de comentaristas, isto é, apresentam somente o conteúdo a ser divulgado e dão algum retorno e/ou acrescentam informações sobre o tema, caso seja necessário, depois do que é exibido. Vale destacar que os sons estão presentes em todos os momentos do telejornal para que telespectadores surdos e ouvintes compartilhem o mesmo ambiente de recepção.

Quando a reportagem se inicia, a tela, com fundo verde, é dividida em duas partes, sendo que a imagem de um dos apresentadores é mostrada ao lado esquerdo de forma a ocupar a metade da tela (Foto 1) com o objetivo de dar mais visibilidade à tradução. E ao lado direito é exibida a reportagem. O apresentador, então, deixa de conduzir a narrativa e passa a ser o intérprete das reportagens, que são reaproveitadas de outros telejornais da emissora. Dessa forma, os sons dos vídeos exibidos são preservados.

É importante destacar que, apesar de o Visual ser voltado para o público surdo, a estrutura das frases, palavras e expressões empregadas são pautadas nos modelos seguidos pelo telejornalismo oral. Por esse motivo, a tradução exige uma adaptação das mensagens voltadas para o universo de conhecimento do telespectador surdo.

Além disso, pelo fato de o programa ser gravado, as notícias não são do dia (factuais), mas são atuais e, por vezes, estabelecem relações com outros assuntos a serem tratados na mesma edição. Vídeos que exploram a música e/ou temas que não fazem parte do universo da cultura surda são evitados. Quando o *sobe som*<sup>19</sup> é mantido no final de algumas reportagens é porque o intérprete ainda está terminando de realizar o sinal.

#### 4.1.2 O Jornal Nacional

O outro programa escolhido para esta pesquisa foi o Jornal Nacional (JN), da Rede Globo, que foi selecionado por ser o principal telejornal da emissora de televisão aberta mais assistida pelos brasileiros (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2016). O programa, apresentado por William Bonner e Renata Vasconcelos, vai ao ar de segunda a sábado, de 20h30 às 21h15, e foi o primeiro telejornal brasileiro a ser transmitido em rede nacional – mais precisamente no dia 1º de setembro de 1969 (BONNER, 2009). Assim como o Visual, o JN disponibiliza o programa no site Globo Play ([www.globoplay.globo.com/jornal-nacional](http://www.globoplay.globo.com/jornal-nacional)).

De acordo com Bonner (2009), o JN apresenta reportagens do Brasil e do mundo que são comuns aos jornais impressos, aos programas transmitidos nos rádios, sites de internet e revistas semanais.

Por ser um programa de televisão, procura apresentar esses temas com a linguagem apropriada ao veículo: com um texto claro, para ser compreendido ao ser ouvido uma única vez, ilustrado por imagens que despertem o interesse do público por eles – mesmo que não sejam temas de apelo popular imediato. (BONNER, 2009, p. 13)

O programa se inicia mostrando os dois apresentadores dizendo “boa noite” e se revezam na tela por meio de uma montagem rápida e, de forma sincronizada, falando as “principais notícias” do dia com imagens sobrepostas aos fatos anunciados. A dupla, enquadrada em primeiro plano (em uma postura próxima ao telespectador), costuma dividir

---

<sup>19</sup> *Sobe som* é um termo técnico que indica o momento de inserir o som da reportagem em TV, por exemplo: gritos de palavras de ordem em um protesto e música tocada em um show.

partes de um mesmo assunto mesclando com algumas imagens e sons do ambiente retratado, como podemos exemplificar na edição do dia 17 de agosto de 2017:

Renata: Boa noite!

Bonner: Boa noite!

Renata: Um símbolo de Barcelona manchado de sangue.

Bonner: Uma van invade a área de pedestres e atropela mais de cem pessoas (enquanto ele fala, há imagens do acidente e o som emitido pela ambulância).

Renata: Treze mortes estão confirmadas.

Bonner: E a polícia espanhola prende dois suspeitos (é mostrada a imagem dos carros de polícia andando e o barulho da sirene).

Essa estratégia aumenta o efeito de sincronia e rapidez do início do programa. A trilha sonora de abertura é usada como BG<sup>20</sup> durante o anúncio das notícias. Em seguida (e ainda com o BG da vinheta do JN), a câmera mostra a redação composta por mesas, computadores e jornalistas trabalhando a fim de chegar aos apresentadores novamente, que se encontram em um estrado mais alto (Foto 4), posicionados atrás de uma bancada.

**Foto 4: Apresentação do JN**



**Fonte: REDE GLOBO (2017).**

<sup>20</sup> BG é uma abreviatura da Língua Inglesa de *background*, que significa música, voz ou efeito sonoro (que aparece num volume mais baixo) inserido de forma simultânea à fala.



O cenário do Jornal Nacional possui a cor azul como predominante e, assim como o verde do Visual, o azul é caracterizado como cor fria, transmitindo calma e dando uma ideia de profundidade. De acordo com Porcello (2005, p.80), “o azul é considerado a cor da TV. Fundos em estúdio, bancadas de telejornais e vinhetas de programas jornalísticos, em todo o mundo, adotam prioritariamente a cor azul em sua identidade visual”.

Fazem parte do cenário do JN uma bancada, na qual repousam os computadores da dupla, e uma imagem do globo terrestre ao fundo. O objetivo dessa composição é criar uma proximidade entre a produção de notícias e a veiculação da mesma para o telespectador. Então, mesmo que a redação não represente o fato em si, há uma sensação de transparência com relação ao processo da produção da notícia.

William Bonner e Renata Vasconcelos, na maioria das vezes, ficam sentados atrás da bancada e protagonizam cenas, de certa maneira, informais entre eles e, conseqüentemente, com o telespectador, referindo-se, por exemplo, a ele com o pronome você – buscando uma situação de proximidade e de conversa, de intimidade. Corroborando com isso, a câmera do JN foca várias vezes nos dois apresentadores juntos a fim de mostrar essa situação de conversa.

Diferentemente do Visual, o JN é apresentado ao vivo e mostra notícias urgentes, factuais, reafirmando o “agora”. “Quando dizemos que o JN deve mostrar **o que de mais importante aconteceu num determinado dia**, nós estamos deixando bem clara qual é a vocação do Jornal Nacional: os temas factuais”. (BONNER, 2009, p. 19).

Além disso, Renata e William, por vezes, comentam o fato veiculado por meio de pequenas frases, tom de voz e expressões faciais. Por fim, os dois programas analisados aqui seguem a estrutura textual da notícia empregada por outros telejornais brasileiros, cujas frases possuem início, meio e fim (são norteadas pelo *lead*<sup>21</sup>), estão na ordem direta e traduzem palavras técnicas.

Para que se compreenda o conteúdo de um telejornal, é preciso que ele seja claro – e que o espectador preste atenção. E é aí que surge uma questão capital para o telejornalismo. Se o público de um programa como o Jornal Nacional está equidistante do analfabetismo e da pós-graduação, e se está exausto, ao fim de um dia de trabalho, em casa ou fora dela, como é que nós, jornalistas, conseguiremos assegurar que ele preste atenção ao que estamos informando? Resposta: não há como assegurar isso. E esta é uma notícia boa para o público e para os jornalistas. (BONNER, 2009, p. 229)

<sup>21</sup> O *lead* ou “lide” faz parte da estrutura clássica da notícia no jornalismo impresso e refere-se à primeira parte do texto, em que, de modo objetivo, busca-se responder questões como: o que, quem, quando, onde, como e por que.

Apesar de o texto tentar se fazer entender por meio dos recursos textuais já mencionados, nem sempre a mensagem chegará ao destinatário da forma como se pretendia.

### 4.3 O primeiro encontro

Para a nossa ida ao campo a fim de observar como espectadores surdos acompanham os telejornais, realizamos em agosto de 2016 nosso primeiro experimento empírico com pessoas surdas. Assim, promovi um encontro com cinco surdos<sup>22</sup>, sendo quatro homens e uma mulher, no dia 26 de agosto, na Associação dos Surdos de Contagem, no município de Contagem (região metropolitana de Belo Horizonte/MG). Os participantes podem ser assim caracterizados:

- a) O participante **A** possui o Ensino Médio completo, disse que pretende ingressar na faculdade, adquiriu a surdez com um ano de idade – após ter tido meningite, e mora em Contagem/MG;
- b) A participante **B** tem Ensino Médio completo, adquiriu a surdez quando era bebê devido à rubéola e mora em Contagem também;
- c) **C** nasceu surdo, mora em Belo Horizonte/MG e compreende apenas a Língua Brasileira de Sinais;
- d) O participante **D**, por sua vez, não se lembra se sua surdez é congênita ou adquirida, tem o Ensino Médio completo e mora em Justinópolis (distrito de Ribeirão das Neves, que também faz parte da região metropolitana de Belo Horizonte).;
- e) O participante **E** tem o Ensino Fundamental incompleto, adquiriu a surdez com três anos de idade por causa da meningite e reside em Contagem.

Na ocasião, o grupo assistiu duas reportagens três vezes (uma do JN sem recursos de acessibilidade, depois o mesmo vídeo transmitido anteriormente, porém com a legenda oculta e a terceira reportagem do Visual) a respeito do mesmo tema: o mascote das Olimpíadas 2016. Os dois vídeos<sup>23</sup> estavam disponíveis na internet e foram transmitidos para o grupo por meio de um computador.

---

<sup>22</sup> Para garantir o anonimato dos participantes, eles serão apresentados por meio de letras em negrito.

<sup>23</sup> A reportagem do Visual foi transmitida no dia 17 de agosto de 2016. O vídeo do Jornal Nacional foi exibido no dia 20 de agosto de 2016.

a) Reportagem 1

A primeira reportagem foi exibida pela Rede Globo, no programa Jornal Nacional, no dia 20 de agosto e possui 2 minutos e 11 segundos de duração. Nela, o repórter fala sobre o mascote e começa fazendo suspense para o telespectador. A reportagem se inicia com a descrição de que ele tem pernas longas e ágeis (neste momento é mostrada a figura do velocista jamaicano Usain Bolt disputando uma corrida), tem braços rápidos e compridos (imagem de um nadador) e, em seguida, diz que está se referindo ao mascote Vinícius.

Posteriormente, o repórter Danilo Vieira conta que ele possui origem mestiça, tem rosto de macaco, corpo de felino, trejeitos de ave e é filho da fauna brasileira (imagens em detalhes do mascote). O repórter continua fazendo a descrição, afirmando que ele possui cor amarela, tem nome de poeta e afirma que virou “febre olímpica”, já que o personagem é versátil (imagens do mascote abraçando crianças), está presente em vários tipos de esportes (imagens de Vinícius em diferentes cenários dos jogos, como: na arquibancada, na disputa de tiro com arco, judô, ginástica e natação) e foi destaque no arremesso (imagem de um atleta jogando o ursinho de pelúcia – Vinícius – para os torcedores).

Além disso, o jornalista brinca com as palavras, dizendo que o mascote vive um papel de arremessado (torcedores jogam o ursinho para os atletas), gosta de afeto (imagens de Vinícius abraçando as pessoas e mandando beijo), conhece o atleta da Jamaica Usain Bolt, tira foto e é o recordista de abraços por minuto (imagens do mascote abraçando pessoas novamente) – uma mulher dá um beijo em sua bochecha e diz “eu amo ele” e, em seguida, o abraça. A narração do repórter continua: ele tem presença de palco (imagens do personagem dançando durante os jogos), diz que já tem 15 dias que o mascote traz alegria e diversão e, por fim, cita um trecho escrito por Vinicius de Moraes “que seja infinito enquanto dure” (finaliza com a imagem da lua cheia).

b) Reportagem 2

A segunda reportagem (Foto 5), transmitida pelo Visual, no dia 17 de agosto de 2016, possui 2 minutos de duração e trata do mesmo assunto, porém sob outro viés. A reportagem se inicia falando que, durante as olimpíadas, as crianças podem se divertir na Casa dos Mascotes, que está em um shopping do Rio de Janeiro.

**Foto 5: Reportagem do Visual sobre o mascote Vinícius**



Fonte: TV BRASIL (2016).

Segundo o jornalista, as crianças adoram o personagem Vinícius (imagens de crianças brincando), mesmo que ele não fale nada. Dois meninos são entrevistados: o primeiro afirma que disse “oi” para o mascote, mas não teve resposta e outro garoto fala dos hábitos alimentares do “gatinho”. Em seguida, uma cuidadora conta que Vinícius realmente é um astro e faz sucesso no local.

O repórter Carlos Molinari aparece falando sobre a história do mascote nas Olimpíadas e contextualiza a figura de Vinícius como sendo a representação da fauna brasileira, além de ressaltar que o personagem caiu no gosto tanto de crianças, quanto de adultos. O jornalista diz também que as brincadeiras oferecidas pelo shopping giram em torno de Vinícius e Tom, o mascote paralímpico (imagens de crianças brincando neste momento). Há uma fala de uma menina que conta que gostou da ideia de brincar com os personagens e, em seguida, a gerente comercial do shopping fala sobre a programação da Casa dos Mascotes. Depois disso, o vídeo mostra uma mãe dizendo que levou seus filhos ao shopping para conhecer Tom e Vinícius. A reportagem é finalizada com o “gatinho” se apresentando no intervalo de um jogo de basquete (imagem de Vinícius dançando).

Após as descrições das reportagens, podemos voltar ao experimento. Assim, o grupo se reuniu na Associação dos Surdos de Contagem e a primeira reportagem mostrada foi a do Jornal Nacional sem *closed caption*. Inicialmente, os participantes observaram o material exibido, cerca de uns 30 segundos, sem comentários. Depois desse tempo, começaram a se

dispersar, falando entre eles (e algumas vezes, para mim) que as pessoas surdas não estão inseridas nas Olimpíadas e que as imagens de um gatinho amarelo estavam se repetindo bastante, tornando o vídeo muito cansativo. Ao fim da reportagem, todos disseram que não entenderam absolutamente nada e ficaram se questionando se o boneco tinha nome e o que ele estava fazendo naquele vídeo. Vale lembrar que duas pessoas do grupo possuem leitura labial e, apesar de o repórter aparecer uma vez, não conseguiram entender a mensagem falada por ele.

Depois dos comentários, foi exibido o mesmo vídeo, no entanto com legenda (Foto 6). Ressalto que a legenda disponível no site da Globo Play (REDE GLOBO, 2016) possui caracteres amarelos, ao passo que a legenda disponível na TV tem tarja preta e caracteres brancos.

**Foto 6: Reportagem do JN com *closed caption* ativado**



**Fonte: REDE GLOBO (2016).**

Foi possível observar que o participante **C** (que não é oralizado) perdeu o interesse e não assistiu a reportagem, saindo do local. Já **A**, **B**, **D** e **E** tentaram prestar atenção por alguns segundos, mas disseram que estava difícil ler por causa da cor amarela presente na legenda, que se confundia com as imagens. Além da cor, a velocidade das frases foi apontada como fator que dificulta a leitura pela rapidez com que aparece.

Dessa forma, eles conseguiram ler apenas palavras soltas e disseram que sem um intérprete de Libras para auxiliá-los não tem como entender o conteúdo transmitido na TV. Segundo **A**, a legenda com tarja preta e caracteres brancos poderia ajudar na leitura, já que o contraste facilitaria a visualização. **B** completa que, por meio de palavras soltas, conseguiu entender parte da reportagem, porque há imagens da torcida, de pessoas felizes, abraços etc.

O terceiro vídeo (do Visual), por sua vez, despertou interesse em todos os participantes do grupo. A pessoa que tinha saído da sala (**C**) voltou ao local e viu a reportagem até o fim – como os demais participantes. Assim que começaram a ver, **B** pergunta se o mascote era o boneco amarelo e **A** responde que sim. De acordo com o grupo, apesar de alguns sinais mudarem de região para região, o conteúdo foi compreendido e só depois desse vídeo conseguiram entender quem era o mascote Vinícius, sua relação com as Olimpíadas e o motivo de ele ser adorado pelas pessoas.

**B** destaca que as reportagens, em geral, começam de uma hora para outra (mesmo com os apresentadores falando um pouco antes de exibí-las) no sentido de já prever que o telespectador saiba o contexto do que será apresentado, mostrando uma falta de “letramento” a respeito da linguagem televisiva. Como **B** não sabia quem era o mascote demorou algum tempo para entender o que a reportagem quis mostrar. Os outros participantes concordaram e disseram que a TV não é feita para o público surdo.

Depois desse encontro, identifiquei algumas situações que poderiam ter sido evitadas, pois acredito que atrapalharam a análise com o grupo. É que quando visitei a Associação dos Surdos de Contagem, avisei previamente apenas a diretoria e, não os participantes. Eles estavam no local, porque toda sexta-feira, a partir das 19h, se reúnem a fim de confraternizar. Dessa forma, pedi para que uma intérprete de Libras pudesse me acompanhar. No entanto, no momento que eu tinha chegado, havia um grupo de ouvintes (cerca de 20 pessoas) querendo conhecer mais sobre o trabalho desenvolvido na Associação. Enquanto isso, eu fui convidando alguns surdos para participar da minha pesquisa, explicando qual era a proposta – com a ajuda de um jovem ouvinte (também chamado de CODA pela comunidade surda)<sup>24</sup>, filho do casal de participantes **A** e **B**.

Dias antes, pedi para que uma sala fosse reservada para que pudesse realizar o encontro, contudo, não consegui contar com o local. Por isso, fiquei em um lugar improvisado e um pouco escuro (por falta de iluminação), pois estava à noite e o ambiente era aberto.

---

<sup>24</sup> O termo CODA (*Children of Deaf Adults*) pode ser traduzido como “filhos de pais surdos” ou “filhos de surdos adultos”.

Nesse contexto, algumas vezes, os participantes desviavam o olhar da tela do computador para o grupo ouvinte.

Como os visitantes não tinham previsão para ir embora, eu comecei a transmitir o vídeo com a ajuda do garoto CODA. Posteriormente, já na exibição da terceira reportagem, pude contar com o auxílio de uma intérprete, visto que os ouvintes já tinham ido embora. Coincidentemente, a reportagem contava com a tradução de Jhonatas Narciso, atraindo ainda mais os olhares dos participantes.

Esse breve relato me ajudou a investigar de modo mais detalhado e organizado a análise que leremos em seguida: um segundo encontro com outras pessoas surdas.

#### **4.4 O segundo encontro**

A princípio, a proposta do segundo encontro se repetiria na Associação dos Surdos de Contagem, mas surgiu uma oportunidade na Igreja Batista Getsêmani BH, em Belo Horizonte/MG, pois no dia 23 de setembro de 2017 haveria um culto para as pessoas surdas com o objetivo de comemorar o dia 26 de setembro – Dia Nacional do Surdo. Logo que cheguei, o pastor (também surdo) me recebeu sorrindo e tentando falar oralmente (algumas vezes, a voz dele não era emitida e eu fazia leitura labial).

O local contava com fiéis surdos, em sua maioria, ouvintes e uma intérprete de Libras. Curiosamente, o culto se iniciou com cerca de três músicas de louvor. Então, todos cantavam e dançavam num mesmo tempo.

Como se tratava de um culto comemorativo, o pastor falou da história dos surdos e enfatizou a questão de serem iguais a todos, sendo capazes de trabalhar, estudar, viajar, conquistar sonhos etc. Além de compartilhar experiências pessoais a fim de motivar os fiéis, o pastor falou sobre as fases da vida com base no tempo de Deus, relacionando com passagens bíblicas. Houve também uma dança com um grupo de mulheres surdas e uma ouvinte. Além de dançar, o grupo cantava por meio de sinais. Para finalizar, houve um sorteio com brindes (coincidentemente, eu fui a primeira a ser sorteada) e uma confraternização, em seguida.

Durante a confraternização, tive a oportunidade de convidar pessoas surdas (oralizadas e não oralizadas) para compor o grupo focal desta pesquisa, bem como a intérprete de Libras para me auxiliar na mediação. Dessa forma, o encontro aconteceu na semana seguinte, seguindo os mesmos moldes do piloto descrito anteriormente: os participantes assistiram vídeos sem o CC, com o recurso ativado e, posteriormente, com a presença do intérprete de Libras.

#### 4.4.1 Os participantes do grupo focal

Na data marcada (30 de setembro de 2017) participaram seis voluntários. Para garantir o anonimato deles, os nomes foram substituídos por números em negrito.

- a) **1** tem 50 anos, é divorciada e tem curso superior completo em Veterinária, trabalhando na área. Nasceu no Rio de Janeiro e veio para Belo Horizonte/MG com nove anos de idade, onde mora até hoje. Ela nasceu surda e desconhece a causa. A participante tem conhecimento apenas da Língua Portuguesa, pois na época não existia a Libras e o processo de oralização era incentivado. Por esse motivo, ela fala oralmente durante as discussões e minhas perguntas foram compreendidas através da leitura labial. Ela frequentou a escola regular e está começando a aprender a Libras, visto que antes não tinha curiosidade a respeito da comunicação entre surdos e sempre pedia ajuda para intérpretes. **1** afirma que teve muita dificuldade em sala de aula, porque não contava com intérprete, então, o professor não podia andar enquanto falava, porque ela precisava fazer leitura labial e quando o professor tinha barba era muito mais difícil. **1** destaca também que durante a aula ela não podia copiar a matéria, pois estava prestando atenção na fala do professor. Dessa forma, ela tinha que copiar as anotações dos colegas diariamente, depois da aula – em casa. Com relação aos hábitos em assistir televisão, **1** diz que não costuma ver, porque seu aparelho de televisão não tem o recurso da legenda – possivelmente por ser um aparelho fabricado antes dos anos 2000.

Quando eu era mais nova, não existiam legenda e janela de Libras. Eu queria ver novela, mas não entendia nada. Para ver telejornal, eu tinha que pedir ajuda para traduzir e, quando interrompo alguém, a pessoa se perde por ter que me explicar. É complicado. Quando aparecia o apresentador eu conseguia fazer leitura labial, mas em reportagens não mostra quem está falando o tempo todo. Tem muitas imagens. Eu sempre tinha que perguntar o que estava acontecendo. Hoje, eu também não vejo porque minha televisão não tem a tecla CC no controle. Então, eu só assisto filme [legendado]. (Participante 1)

- b) **2** tem 35 anos, é solteira e se formou em Contabilidade. Atualmente, trabalha como digitadora. Ela nasceu em Belo Horizonte, cidade onde reside. **2** nasceu ouvinte, mas aos dois anos adquiriu a surdez e não sabe a causa. Pelo fato de ter nascido ouvinte, aprendeu a Língua Portuguesa primeiro e, aos 18 anos, aprendeu a Libras na



Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos de Minas Gerais (FENEIS MG). A partir daí começou a ter contato com outros surdos. Ela frequentou escola regular e contou com intérpretes em sala de aula. Nesse contexto, **2** observa que teve um pouco de dificuldade por causa da rotatividade dos profissionais, afirmando que quando estava se acostumando com um intérprete, trocavam para outro. Além disso, os professores falavam e liam muito rápido. Então, ela tinha duas opções: ou olhava para o quadro ou para o intérprete, complicando e dificultando seus estudos. Diariamente, **2** tem o hábito de ver novela da Rede Globo e, algumas vezes, telejornais da mesma emissora com CC ativado.

Quando não tem legenda é difícil assistir, eu desanimo, porque é complicado ficar perguntando para minha mãe, para meus irmãos... Às vezes o pessoal não explica, não tem paciência. Mas quando tem legenda eu prefiro, já consigo entender melhor. Eventualmente, eu vejo algum programa com a janela de Libras, mas prefiro com a legenda. (Participante 2)

- c) **3** tem 48 anos, é solteiro e só compreende a Libras. Nasceu em Contagem/MG, mora em Sabará/MG e trabalha como instrutor da língua de sinais. **3** nasceu com meningite, por esse motivo nasceu surdo e não conseguia andar.

Eu nasci doente, eu me sentia fraco. Eu tinha a cabeça grande, dentes pequenos. Minha mãe percebeu que havia alguma coisa estranha. Ela me chamava e eu ficava quieto, não respondia aos estímulos. Eu era bem fraco, mas a partir dos 5 anos, eu comecei andar. (Participante 3)

Aos oito anos de idade, ele conta que sua mãe percebeu a dificuldade em se comunicar e passou a escrever seu nome no chão. Em seguida, **3** teve a ajuda de uma fonoaudióloga e, aos 12 anos, começou a aprender a Libras. Apesar de ter o Ensino Médio completo, compreende poucas palavras da Língua Portuguesa e tem vontade de aprender a escrever. Além disso, **3** disse que assiste telejornal com legenda, mas entende pouco.

Eu tento entender o que está acontecendo por meio das imagens, expressões faciais de quem aparece falando e algumas palavras em português. Mas o telejornal não tem a janela com intérprete. Às vezes, a legenda passa muito rápida. Eu olho e não entendo quase nada. Eu costumo ver o Visual e não gosto de novelas. (Participante 3)

- d) **4** tem 54 anos, é casado e se comunica pela Libras. Já trabalhou na realização de serviços gerais e, atualmente, é aposentado. Ele nasceu em Belo Horizonte, cidade onde ainda reside. **4** afirma que nasceu surdo e não sabe a causa. Além disso,

frequentou escola especial, tem o Ensino Fundamental completo e conhece poucas palavras do português. Com relação à televisão, **4** diz que, diariamente, vê telejornal com legenda e gosta de assistir jogos de futebol.

Assistir televisão é difícil, porque mesmo com a legenda eu não entendo muito. Eu peço ajuda para minha esposa, que é ouvinte. Ela me fala o que está acontecendo, o que significa aquela palavra, porque eu não conheço muito. Fica mais difícil ainda ver alguns programas que não têm legenda. Precisam colocar uma legenda correta no futebol, em reportagens também. (Participante 4)

- e) **5** tem 33 anos, é casado e trabalha na produção de uma montadora de veículos. Nasceu em Belo Horizonte, cidade na qual reside. **5** nasceu surdo devido à meningite e aprendeu a Libras em 2004. Por ter estudado em uma escola regular (possui o Ensino Médio incompleto), consegue ler pouco (segundo ele, quase nada) e tem muita dificuldade em escrever. De acordo com **5**, raramente vê TV, porque não entende muita coisa.

Eu preciso perguntar para alguém o que está sendo dito. Eu observo as expressões faciais das pessoas. Com a legenda, eu entendo um pouco, mas não é muito, porque não sei português. Outras pessoas me falam que há erros nas legendas, então fica mais difícil. Às vezes, eu vejo o Visual, mas não é sempre. (Participante 5)

- f) **6<sup>25</sup>** tem 23 anos, é solteiro, nasceu em Itabira/MG e mora em Lagoa Santa/MG. Ele nasceu ouvinte, mas adquiriu a surdez quando criança por causa de uma síndrome genética chamada *Waardenburg*. Ele aprendeu a Libras e a Língua Portuguesa ao mesmo tempo. Por isso, durante as discussões, ele recebia a mensagem em Libras e respondia falando oralmente (uma tradução da Libras para o português, sem conjugar verbos, por exemplo). Estudou em escola especial no Ensino Fundamental e em uma escola regular no Ensino Médio. **6** fez um curso técnico em Administração e, atualmente, está estudando para ser técnico em Informática. Questionado sobre os hábitos em assistir televisão, **6** afirma que não costuma ver TV com frequência (não tem preferência por nenhum programa), porque gosta de utilizar a internet.

---

<sup>25</sup> O participante 6 se atrasou, mas conseguiu chegar quando a terceira reportagem do JN estava sendo exibida.

#### 4.4.2 As reportagens

Apesar de as reportagens terem sido exibidas na segunda quinzena do mês de setembro de 2017, o grupo focal assistiu os seis vídeos<sup>26</sup> em um só dia. Destaco que o material foi escolhido de forma aleatória e contou com duração de um a três minutos (cada). Ao contrário do primeiro encontro, que analisou os participantes surdos a partir de duas reportagens, a presente análise foi composta por seis vídeos (três de cada telejornal), pois a proposta foi ir além de mostrar apenas um trecho dos programas e apresentar as opiniões dos voluntários sobre o que acabaram de assistir. Eu busquei identificar também se os telespectadores operam ou não dentro dos códigos televisivos, as possíveis falhas no processo de transmissão das notícias, as possíveis mudanças que os dois telejornais poderiam sofrer, entre outras reflexões.

Ressalto que os esforços empenhados para a realização deste trabalho em compreender melhor o universo da surdez e dos processos de comunicação entre pessoas surdas e o telejornalismo estão limitados pela minha condição de ouvinte sobre o tema. Eu não sou surda e, portanto, escrevo a partir de conhecimentos e experiências diferentes e que estão aquém daqueles proporcionados por uma vivência dentro da surdez e da cultura surda. Nesse sentido, a minha percepção não está imersa nesse universo.

##### a) Reportagem 1

A primeira reportagem exibida foi a do Jornal Nacional no dia 26 de setembro com duração de 1 minuto e 56 segundos. O vídeo mostra que os principais assessores de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, repetiram uma prática da adversária Hillary Clinton na eleição do ano passado, que ele condenou durante a campanha: enviar e receber mensagens oficiais usando e-mails pessoais. A reportagem conta com uma passagem do repórter Luís Fernando Silva Pinto em Washington, EUA, e imagens de uma pessoa digitando em um teclado de computador, Trump, seus assessores, Hillary Clinton, comícios, entre outras.

##### b) Reportagem 2

O segundo vídeo mostrado no JN tem a duração de 1 minuto e 33 segundos e foi exibido no dia 28 de setembro de 2017. A reportagem fala sobre os vinte mil estudantes, professores e bombeiros que protestaram em Barcelona, apoiando a consulta popular a

---

<sup>26</sup> Os links das reportagens estão disponíveis nas Referências deste trabalho.

respeito da independência da Catalunha. No vídeo, há imagens de quem participou da marcha, de alguns governantes espanhóis, integrantes do ETA (organização terrorista que atuou durante 50 anos na luta armada para separar o país basco da Espanha) e a passagem da repórter Ilze Scamparini, em Roma.

c) Reportagem 3

A terceira reportagem do JN, também exibida no dia 28 de setembro, teve a duração de 2 minutos e 17 segundos. Ela mostrou como os torcedores do Cruzeiro e alguns jogadores estavam felizes pela quinta conquista do time na Copa do Brasil. Por isso, o repórter Guto Rabelo faz sua passagem em Belo Horizonte, no cenário de um programa esportivo da emissora e entrevista alguns jogadores. Torcedores são ouvidos também. A reportagem é finalizada com imagens da decisão dos pênaltis e a comemoração do título no Mineirão.

d) Reportagem 4

O quarto vídeo exibido foi o do Visual, no dia 19 de setembro, com duração de 2 minutos e 11 segundos. A reportagem é sobre o *Parabadminton*, que será uma das novidades nos jogos paraolímpicos de Tóquio. Nesse contexto, o vídeo mostra que a procura por atletas brasileiros já começou e um dos celeiros fica na cidade de Toledo, no Paraná. São apresentados dois atletas com deficiência física e o treinador, que contam mais detalhes sobre o esporte.

e) Reportagem 5

A quinta reportagem foi exibida pelo Visual no dia 20 de setembro de 2017, durou 1 minuto e 31 segundos e contou a história de uma maquiadora ouvinte de Poços de Caldas/MG que oferece curso de automaquiagem em Língua Brasileira de Sinais para clientes surdas. O vídeo se iniciou com uma legenda (caracteres da cor amarela) durante a locução da repórter. Então, a figura de Jhonatas Narciso se fez presente, ao lado esquerdo. No decorrer da reportagem, enquanto a maquiadora falava havia uma intérprete de Libras ao seu lado que traduzia o discurso. Dessa forma, o vídeo passou a ocupar toda a tela. Em seguida, uma cliente surda deu entrevista e a intérprete que estava ao lado traduzia para a Língua Portuguesa. O mesmo aconteceu durante a passagem da repórter. Dessa forma, a imagem de Jhonatas só apareceu no começo da reportagem.

f) Reportagem 6

O sexto vídeo exibido pelo Visual contou com 2 minutos e 46 segundos de duração e foi transmitido no dia 18 de setembro de 2017. A reportagem diz respeito a um produto que contém leite não alergênico, que pode ser consumido por quem tem alergia a proteína

do leite. Assim, foram mostradas muitas imagens de vacas, leite, além de um infográfico, uma família com duas crianças que nasceram com a alergia e a passagem da repórter Giselle Garcia, em Brasília.

#### 4.5 A análise

Após as discussões sobre o material exibido, os voluntários foram instigados a refletir sobre a programação telejornalística, em geral, quais dificuldades foram apresentadas na compreensão das mensagens veiculadas, o que deveria ser aprimorado, entre outras questões relativas à temática. Vale destacar que pelo fato de o grupo ser heterogêneo – com histórias de vida diferentes, processos educacionais, origens da deficiência etc., os contextos de recepção e produção de sentidos não foram os mesmos. Ainda com relação à percepção, tomamos como referência o percepto (as imagens mostradas nos vídeos), o *percipuum* (o que se passa na mente de cada participante) e o julgamento de percepção (a interpretação que cada pessoa faz).

Quando o grupo assistiu a primeira reportagem sem a legenda e, posteriormente com o CC, tivemos as seguintes opiniões:

Sem a legenda eu não entendi nada. Tentei fazer a leitura labial, mas estou um pouco longe da tela, além disso, não sei falar Inglês. Com a legenda, eu não entendi muito também, porque ela passa rápido demais. Só tenho noção do assunto, porque apareceu o Trump e a outra adversária. (Participante 1)

Sem a legenda eu não entendi nada também. Pelas imagens eu sabia que era algo relacionado à política. Parecia falar sobre alguma investigação do presidente Trump. Com a legenda melhora um pouco, mas ela aparece rápida demais. (Participante 2)

Sem a legenda eu não entendi nada, via só o pessoal mexendo a boca. Quando tinha a legenda, eu tentei olhar para algumas palavras e conectar com as imagens para tentar entender. Tinha muita palavra que eu não conhecia. Eu não sei nem qual é o assunto e ficaria feliz se tivesse um intérprete de Libras. (Participante 3)

Eu concordo com o 3 e entendi pouco sem a legenda. Quando tinha a legenda, eu vi palavras soltas, como governo, polícia, política, fiscal. Parece que um [Trump] está contra o outro [Hillary]. Quando eu começo a entender alguma coisa, o vídeo acaba. (Participante 4)

Quando passa o jornal eu nem perco tempo vendo, porque não entendo nada. Com a legenda eu entendo pouco também, quase nada. A legenda vai surgindo, é complicado. Sobre o assunto do vídeo, não sei sobre o que falou. Deu para perceber que tinha um problema, disputa, confusão, governo. Eu não sei português então fica difícil. (Participante 5)

Podemos observar que **1** e **2** tinham algum conhecimento prévio sobre o cenário político americano, reconhecendo Trump e Hillary. Já **3**, **4** e **5** tinham menos informações, uma vez que não sabiam quem eram os envolvidos, tampouco o país. Como **1** se comunica por leitura labial e o discurso estava em língua estrangeira, ela tentou entender o que estava sendo retratado apenas por imagens e expressões faciais, como os demais participantes, que interpretaram a notícia como algo relacionado ao governo, uma disputa, uma confusão. Nesse contexto, as imagens se tornam pobres em relação ao sentido, pois elas sozinhas não conseguem se sustentar, reafirmando o que Coutinho (1991) já disse.

É interessante destacar também a fala do participante **3** quando ele diz que quando começa a entender alguma coisa, a reportagem é encerrada. Este discurso mostra o desconhecimento da dinâmica em telejornais, bem como o funcionamento dos códigos televisivos e estrutura como se apresenta a notícia.

Assim como no primeiro vídeo, a segunda reportagem também diz respeito ao cenário internacional: o protesto realizado em Barcelona. Por isso, as opiniões são parecidas com relação à ausência da legenda e com o recurso ativado, como veremos a seguir.

Sem a legenda eu não entendi nada. Não tinha como fazer leitura labial, porque estava em outra língua. Começou com imagens de bombeiros, uma passeata que estava reivindicando não sei o quê, um negócio de plebiscito. Com a legenda eu entendi picado. Entendi que era algo relacionado à liberdade de expressão. Para que eu possa fazer leitura labial do repórter falando português, eu precisaria sentar mais perto do telão. Além disso, dependendo da posição do microfone, quando tampa a boca, eu não consigo ver. Atrapalha. (Participante 1)

Sem a legenda, eu vi que tinha bombeiro, uma passeata, mas não entendi muito bem, falou de terrorista, guerra. Com a legenda, eu entendi mais ou menos, mas eu sabia que era algo na Europa, terrorismo, uma passeata de bombeiros. Não entendi muito. (Participante 2)

Sem a legenda, vi que era uma passeata, não sei... Tinha um cara mexendo a boca, falando não sei o quê, não sei se era Itália, Espanha. Com a legenda, me pareceu ser algo de política, um tumulto, tinha bombeiros, acho que tinha uma coisa de manifestação, estavam reclamando não sei se era de salário, alguma coisa assim, greve... (Participante 3)

Concordo com 3, antes da legenda, parecia ser uma confusão, uma bagunça, presidente, alguma coisa de matar, de guerra, em outro país. Não sei. Mas com a legenda também fica difícil de entender. Via as palavras, mas não consegui entender o conteúdo. (Participante 4)

Sem a legenda não entendi nada também. Olhei a expressão facial. Com a legenda fica difícil, porque passa muito rápido e eu não sei a Língua Portuguesa. Parece que na Espanha aconteceu alguma coisa de política, não sei. (Participante 5)

Como o assunto da segunda reportagem é relativamente recente<sup>27</sup> se compararmos ao dia da exibição, o grupo desconhecia o que estava acontecendo na Espanha – o que não acontece só com pessoas surdas. Como apontado por Santaella (1993), o processo de percepção leva em conta o mundo externo (percepto) e o interno de cada pessoa (*percipuum*), produzindo um juízo interpretativo a partir de experiências. Assim, os participantes, neste caso, só percebem o que estão aptos para interpretar, ou seja, eles mobilizaram seus sentidos, vivências e repertórios para dar sentido ao que estão vendo.

Já com relação ao terceiro vídeo, que é um assunto sobre esporte e que envolve um time de Minas Gerais – um tema que tem mais proximidade com o grupo e que estava em português, a interpretação contou com mais detalhes, porque os participantes demonstraram entender melhor o conteúdo. Assim, quando os participantes começaram a ver a reportagem já sabiam de qual assunto se tratava. Uns vibravam pela conquista do Cruzeiro durante a exibição, outros manifestaram desagrado com o resultado. Após o término, eles disseram:

Sem legenda [eu] não entender, só entender imagem. Agora, com legenda, entender. Nome do repórter, legenda, atrapalhar. O que é? Quem é? Podia separar para ver melhor. Confuso. (Participante 6<sup>28</sup>)

Antes da legenda, só vi que as pessoas estavam felizes, comemorando alguma coisa do Cruzeiro e só. Com a legenda, especificou quem defendeu o pênalti, falou sobre o Fábio [goleiro], onde foi a festa, o que aconteceu no campo e na rua, a alegria de cada um, a conversa entre os jogadores. É mais interessante com a legenda, porque a gente sente mais emoção. (Participante 1)

Sem a legenda, eu entendi pessoas torcendo pelo Cruzeiro, fazendo festa na rua, vestindo camisa azul, mostrando troféu, eu olhei imagens e expressões. Com a legenda, eu entendi com mais clareza, que a conquista se deu pelos pênaltis, que o Fábio pegou, explicaram mais detalhes. Deu para entender mais claro. (Participante 2)

Sem legenda, eu entendi que os times disputaram [Cruzeiro e Flamengo]. Com a legenda eu entendi que foi pelos pênaltis que o Cruzeiro ganhou, que a torcida lotou o Mineirão. Eu li algumas palavras: pênaltis, torcedores e Fábio. Eu sou atleticano e fiquei nervoso, porque estava torcendo contra o Cruzeiro. Agora ele é penta. (Participante 3)

Sem legenda, eu olhei e vi que Cruzeiro e Flamengo estavam disputando. Mas eu percebi que era pentacampeonato, o pessoal estava feliz na rua, soltando fogos. Com a legenda não entendia palavras, foram poucas. (Participante 4)

<sup>27</sup> A Catalunha, região que fica no nordeste da Espanha, luta por sua independência há anos. No entanto, esse assunto voltou a ser noticiado no mês de setembro, porque, neste período, houve um referendo que pretendia saber qual é a opinião da população sobre a independência.

<sup>28</sup> O participante estava dizendo que a legenda cobre os nomes das pessoas que aparecem na reportagem, bem como os locais em que estão. Dessa forma, a sugestão dele é que deveria haver essa separação. No entanto, essa determinação já existe e já foi apontada neste estudo como falta de atenção à norma estipulada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (2005).

Eu sabia que era uma disputa de campeonato, olhei para o pessoal. A legenda passou rápida então eu olhava para imagem, para a legenda, olhava expressão facial. Eu entendi os repórteres noticiando, campeonato, feliz, rua, festa, todo mundo emocionado, gritando penta. (Participante 5)

Diante do exposto, podemos observar que o terceiro vídeo gerou mais reação no grupo, sobretudo por parte dos homens, visto que o futebol é o principal esporte nacional e porque era um assunto sobre Minas Gerais, estado em que reside o grupo. Então, a maioria das pessoas já tinha conhecimento prévio sobre o campeonato. Destaco que durante a interação, o participante **3** questionou qual era o sinal da palavra pentacampeão. Assim como ele, os demais também não conheciam e souberam através da intérprete.

Por meio dos materiais apresentados do JN, podemos confirmar que, de modo geral, o grupo possui pouco hábito em assistir telejornais, ficando evidente a falta de “letramento” acerca da linguagem televisiva se levarmos em conta a dinâmica do programa, os códigos e subcódigos já explicados anteriormente. Esse fato e outras variáveis, como a distância da tela e a posição do microfone, por exemplo, podem influenciar diretamente na interpretação dos telespectadores surdos analisados. Para além disso, é mostrado um esforço unilateral (dos surdos) em compreender a cultura ouvinte, já que não há a figura do intérprete de Libras.

Quando a quarta reportagem (do Visual) teve início, os participantes **3, 4, 5 e 6** começaram a sorrir e vibrar pelo fato de haver a tradução do intérprete Jhonatas Narciso. Contrariamente a esse cenário, **1** se mostrou triste e olhou para mim imediatamente. Ao final da exibição do vídeo, tivemos as seguintes respostas:

Com Libras nós, surdos, entender mais fácil. Legenda tem frase grande, entender pouco. Libras faz sinal, expressão, é mais fácil. Eu entendi: esporte, treinar muito. Vários lugares. (Participante 6)

Eu “voei”, porque não sei Libras, só sei português. Quando o repórter apareceu foi difícil fazer leitura labial, porque ele não mexeu muito a boca. Não entendi o contexto da reportagem porque não sei Libras. Só sei que é alguma coisa sobre esporte. Eu fiquei olhando para o intérprete [risos] e tentando entender e aprender Libras. (Participante 1)

Eu entendi que estão mostrando as atletas, os compromissos, os treinamentos que elas têm que ter. Mostrou a menina com deficiência física, que ela é capaz de praticar algum esporte. (Participante 2)

Parece que as atletas têm que treinar, tem campeonato e as pessoas com deficiência são convidadas para competir. Tem nataçã, esporte, corrida. (Participante 3)

A reportagem mostrou os atletas. Parece que é um campeonato que os atletas treinam. Tem muitos sinais que eu vi que não conheço. Eu só percebi que tinham sinais novos, mas não sei o significado. (Participante 4)



Com Libras, eu gostei. Muito melhor! Eu vi que as atletas estavam treinando, têm deficiência física e que tinha um campeonato. As pessoas têm que treinar para vencer. Independentemente da deficiência, as pessoas são capazes. Mostrou também que vêm pessoas de outros países para esse campeonato. (Participante 5)

Como **1** não entendeu o que foi transmitido por não compreender a Libras, a intérprete sugeriu ensinar para ela o sinal do esporte mostrado. Por isso, a mediadora perguntou qual era o esporte e **1** respondeu que não sabia, mas parecia ser vôlei, handball, algo com as mãos (e fez uma mímica). Em seguida, a intérprete perguntou também para os outros voluntários, que também desconheciam o sinal. Vale observar que o *Parabadminton* é uma modalidade esportiva adaptada para pessoas com deficiência física, que se baseou no *Badminton* – esporte que surgiu no cenário internacional e que está em língua estrangeira.

Assim como **1**, **2** também não sabia qual era o esporte e a intérprete pôde explicar para todos (acredito que os outros também não sabiam). Além disso, **2** falou sobre outro sinal que não tinha ficado claro: o de Paraná, visto que é feito de um jeito em Minas Gerais e foi mostrado de outro na reportagem. **3** concordou e disse que o sinal não fazia sentido para o contexto, porque parecia ser algo relacionado à antena de TV. Dessa maneira, a questão do regionalismo se fez presente no sinal realizado, influenciando na interpretação da mensagem.

Com base nas opiniões, podemos apontar ainda que o grupo não sabia o sinal de paraolimpíadas, apesar de identificarem que o conteúdo exibido era sobre um campeonato. Acredito que não conheciam pelo fato de o termo não fazer parte da cultura surda, já que atletas que possuem surdez não participam dos Jogos Paralímpicos. Eles possuem uma competição específica chamada Surdolimpíada (*Deaflympics*) – o que não é muito divulgado na cultura oral. Vale observar também que alguns participantes falaram sobre a capacidade que os atletas com deficiência possuem, reforçando que eles são capazes de participar de competições esportivas como qualquer outra pessoa e possuem autonomia.

Ao passar o quinto vídeo sobre maquiagem para surdos, muitos ficaram felizes e curiosos, a saber:

Eu entendi que a surda faz curso, aprender coisa maquiagem. Teve intérprete, é mais fácil. (Participante 6)

Na hora que tinha a legenda, eu entendi que era um curso de automaquiagem oferecido para surdas ficarem mais bonitas. E aí, num contexto, vi que as pessoas ficam felizes, que podem aprender mais e mais. Só o que tinha na legenda mesmo que eu consegui entender. (Participante 1)

A reportagem mostrou que o surdo é capaz e essa menina surda fez um curso de maquiagem, ganhou um certificado e foi muito bom. Não teve nenhum sinal que eu não soubesse. (Participante 2)

Eu entendi que o intérprete estava ali, tinha uma expressão facial legal, a menina agradeceu que o intérprete estava agradecendo. A menina estava feliz, estava com uma expressão alegre. (Participante 3)

Eu entendi que era um curso de maquiagem, que tinha um intérprete. Foi mais fácil de entender. Achei diferente esse curso. É bom porque a surda aprende, pode trabalhar com isso. As pessoas têm o direito de aprender. Eu vi a legenda, mas foquei na Libras. (Participante 4)

Quando não tem intérprete é difícil entender com clareza. Mas eu entendi essa reportagem, achei legal esse curso, tem certificado. Achei legal mesmo. Foi fácil entender. Com o intérprete é muito mais fácil! A gente fica com mais interesse em ver quando é assim. (Participante 5)

Assim como na última observação feita referente à quarta reportagem, alguns participantes falaram que a pessoa surda tem o direito e a capacidade de aprender, de trabalhar, reafirmando novamente que esse indivíduo não possui perda cognitiva, que tem características como qualquer outra pessoa e não se sente diferente dos demais. Podemos destacar também que, em geral, o grupo gostou da reportagem e compreendeu o conteúdo – em diferentes níveis de detalhamentos devido à afinidade com o assunto.

Sobre as opiniões acerca do último vídeo, temos:

Eu entender falando explicar leite, saúde e também pesquisa, informação. Antes não conhecer o que pode e o que não. Agora, entender claro, leite pode A1, A2, saber alergia, asma, respiração, ficar claro. (Participante 6)

A reportagem mostrou o que o leite pode causar, falou sobre alergia, dermatite, lactose, dificuldade do açúcar. Pelo menos, isso foi o que estava escrito na legenda [infográfico] e eu fui sacando o resto, porque sou veterinária. Então, eu sei mais ou menos sobre isso. No mais, fiquei perdida. (Participante 1)

Eu entendi claramente. Falaram do leite, que, muitas vezes, o leite da fábrica faz mal, que o leite natural é mais saudável. Falaram também dos tipos de leite, diabetes, lactose... (Participante 2)

Explicaram sobre o leite, mas eu tive um pouco de dúvida sobre o que pode, o que não pode. Não entendi se a criança pode ou não com o leite, achei confuso e não vi nenhum sinal novo. (Participante 4)

Eu entendi claramente falando que é pra ter cuidado com a alergia, foi muito fácil de entender. Não tinha sinal difícil. Antes estava difícil [vídeos do JN], mas agora com Libras é bem melhor. (Participante 5)

Diante dos depoimentos é possível perceber que os participantes apreenderam o contexto da reportagem exibida, de um modo geral. Destaco que **4** apresenta mais dificuldade de entender a linguagem televisiva, apesar de afirmar ver TV diariamente com a ajuda da esposa ouvinte. Acredito que **5** também tenha mais dificuldade pelo fato de a televisão não fazer parte da sua rotina. Como **1** tem proximidade com o tema, conseguiu deduzir as informações transmitidas por

meio do infográfico apresentado e pelas imagens de vacas e leite. Os participantes **6** e **2** também entenderam o conteúdo exibido e mostraram facilidade em compreender a dinâmica de TV.

Quando questionados sobre os telejornais em questão, **5** observa que o Visual é totalmente voltado para os surdos, mostrando vídeos que sejam de interesse do público, além de falar sobre acessibilidade. Segundo **5**, como a janela de Libras se encontra na metade da tela, é um bom tamanho, pois dessa forma é possível ver os sinais e expressões facilmente. Ele destaca também que não só pessoas surdas, mas quem tem dificuldade de enxergar também sofre com a janela muito pequena.

Nesse contexto em que a tela da TV está dividida ao meio, o telespectador surdo vê a sua língua sendo colocada no mesmo patamar de relevância com relação ao noticiário. Outro aspecto que podemos observar é a localização da janela de Libras à esquerda do vídeo, visto que, como a leitura no ocidente é iniciada, geralmente, pelo lado esquerdo, o posicionamento do recurso de acessibilidade pode ser mais agradável para ver o que está sendo dito em Libras.

Eu acho melhor ver com Libras na metade da tela, porque deputado falando [propaganda eleitoral], fica pequeno, não tem como ver, não consigo. Maior, ver, metade e legenda muito rápida... só falando também fica difícil [leitura labial]. (Participante 6)

De acordo com o depoimento, **6** chama atenção para o uso da janela de Libras em propagandas político-partidárias que estão fora das normas previstas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (2005). Até o momento, o que podemos perceber é a inserção do recurso apenas para cumprir uma determinação legal e não o respeito, de fato, dos telespectadores surdos enquanto interlocutores da cultura audiovisual no Brasil. **3** acrescenta também que, muitas vezes, os sinais aparecem de maneira acelerada para coincidir com o tempo da língua oral, então quando a janela é pequena e há aceleração da velocidade do intérprete ao sincronizar com o conteúdo transmitido fica muito ruim, porque as pessoas surdas não entendem.

Outro fato apontado pelo grupo é com relação à legenda, já que todos disseram que ela deveria ser melhor:

Legenda para mim é complicado. Isso porque leio rápido e ainda encontro dificuldade. O *closed caption* deveria ser como legenda de filme, porque ele [CC] vai passando... o que estava embaixo, passa para cima, cansa a vista da gente. Não é difícil, mas cansa. A legenda de filme é mais suave, não cansa. A letra é maior, a cor ajuda também. A cor do *closed caption* branca não ajuda, mesmo tendo fundo preto. (Participante 1)

O participante 6 concorda que a legenda oculta na TV brasileira é ruim por causa da cor, da velocidade e da forma como aparece, mas que em filme é bem melhor. Segundo 6, em outros países, o CC aparece na programação de uma maneira mais suave. Para o grupo, um programa de TV ideal deveria ter janela de Libras ocupando a metade da tela e a legenda como já foi mencionada.

Eu acho que o Jornal Nacional e outros programas precisavam ter Libras na metade da tela. A gente tem muito interesse nisso, queremos saber das notícias. Eu sei que em outros países já é assim – na Espanha, Estados Unidos, mas aqui, no Brasil, ainda não. Alguns programas daqui tem a janela, mas é difícil, muito pequeno. A legenda tem que melhorar também. Eu fico olhando as pessoas falando e eu não entendo nada. Mas tem surdos que entendem. O Brasil tinha que melhorar. A janela deveria ser maior, isso facilita. (Participante 5)

O participante 2 complementa a fala de 5 e diz que os recursos deveriam ter pesos iguais para que haja a verdadeira inclusão, corroborando com a linha de pensamento da autora Aranha (2001), que vê a inclusão social ligada ao princípio de igualdade. Esse posicionamento nos leva a pensar sobre os telejornais, visto que os conteúdos são voltados para ouvintes e videntes. Apesar de o Visual ter como foco o telespectador surdo e ter o cuidado de selecionar as reportagens, devemos considerar que o material é reaproveitado, contendo os códigos e subcódigos da linguagem televisiva, estrutura de discursos que não possuem consonância com as especificidades das pessoas surdas. Além disso, o modo de abordagem dos vídeos e a dinâmica de exibição do material também são levados em conta, uma vez que o telejornalismo exigiria do telespectador surdo uma contínua atenção frente à tela.

Diante do que já foi apontado até aqui, sintetizei as diferentes percepções que os integrantes do grupo tiveram ao assistir as seis reportagens tendo como base as discussões e dados coletados. Dessa forma, foi possível comparar o desempenho de cada um e analisar como a percepção dos vídeos perpassam pelo percepto, *percipuum* e juízo perceptivo, mencionados por Santaella (1993), e como esses elementos estão diretamente relacionados às vivências dos voluntários.

**Quadro 1 - Quadro analítico de percepção dos participantes**

PARTICIPANTE	CARACTERÍSTICA DO PARTICIPANTE	TIPOS DE DIFICULDADE	RESPOSTA AO JN	RESPOSTA AO VISUAL
	50 anos, nasceu surda, tem Ensino Superior completo, compreende apenas a Língua Portuguesa e não costuma ver TV.	Apresentou pouca dificuldade em ler a legenda devido à velocidade, bem como	Apesar de não ter o hábito de ver telejornal, não demonstrou estranhamento com relação à dinâmica	Teve bastante dificuldade em compreender o conteúdo por não ter

1		dificuldade em fazer leitura labial por causa da distância da tela e não compreendeu o conteúdo em Libras.	televisiva – talvez por estar inserida na cultura oral. Teve mais facilidade em apreender a reportagem esportiva por se tratar de um campeonato que envolve um time mineiro. Apresentou dificuldade em compreender as duas reportagens que diziam respeito ao cenário internacional.	domínio sobre a Libras, mas mostrou interesse em aprender o idioma ao observar os sinais realizados pelo intérprete durante as exposições. Por conhecer detalhes sobre as proteínas do leite, compreendeu parte do discurso da última reportagem, já que se baseou no infográfico mostrado.
2	35 anos, adquiriu a surdez aos dois anos, é bilíngue, tem Ensino Superior completo e assiste novelas e, algumas vezes, telejornais.	Apresentou pouca dificuldade em ler a legenda devido à velocidade.	Não demonstrou estranhamento acerca da linguagem televisiva. Teve facilidade em compreender a reportagem esportiva, além de apresentar dificuldade de compreensão sobre as duas reportagens que retratavam o que estava acontecendo em outros países.	Teve facilidade em compreender as três reportagens exibidas.
3	48 anos, nasceu surdo, compreende apenas a Libras, tem o Ensino Médio completo e assiste telejornais.	Apresentou muita dificuldade em compreender os conteúdos exibidos pelo JN por não saber português e focar apenas em expressões faciais e imagens, em geral.	Não compreendeu as informações sobre a primeira reportagem a respeito da política americana e apresentou muita dificuldade em entender o segundo vídeo sobre a Espanha. Com relação ao vídeo esportivo, apresentou maior facilidade de compreensão por torcer pelo time adversário.	Apresentou facilidade em entender o conteúdo esportivo, ao passo que demonstrou entender pouco a reportagem sobre o curso de maquiagem.
4	54 anos, nasceu surdo, compreende apenas a Libras, tem o Ensino Fundamental completo e vê jogos de futebol pela TV e telejornais com o auxílio da esposa (ouvinte).	Apresentou muita dificuldade em compreender os conteúdos exibidos pelo JN por não saber português e focar apenas em expressões faciais e imagens, em geral.	Apresentou muita dificuldade em compreender as duas reportagens sobre o contexto internacional e maior facilidade em entender a reportagem esportiva.	Na primeira reportagem, percebeu a existência de sinais que não conhecia. Compreendeu o conteúdo do vídeo sobre o curso de automaquiagem e reforçou que os surdos

				têm o direito de estudar e trabalhar. Com relação ao último vídeo, teve dificuldade de entender e se sentiu confuso sobre o tema.
5	33 anos, nasceu surdo, possui o Ensino Médio incompleto, compreende apenas a Libras e não costuma ver TV.	Apresentou muita dificuldade em compreender os conteúdos exibidos pelo JN por não saber português e focar apenas em expressões faciais e imagens, em geral.	Baseou sua interpretação apenas pelas imagens e expressões faciais sobre as duas reportagens acerca do cenário internacional, mostrando dificuldade em entender os assuntos. Demonstrou mais facilidade em apreender a mensagem do terceiro vídeo, pois já sabia sobre o campeonato.	Compreendeu o conteúdo sobre o esporte e enfatizou a questão dos direitos das pessoas com deficiência. Teve facilidade em entender também os outros dois vídeos e destacou a importância da presença do intérprete de Libras.
6	23 anos, adquiriu a surdez quando era criança, é bilíngue, tem curso técnico e não costuma ver TV.	Como o participante chegou atrasado, não foi possível apontar dificuldades.	Chegou apenas no momento da terceira reportagem e observou os erros com relação à inserção da legenda.	Teve facilidade de entender as três reportagens, reforçou a importância do intérprete de Libras nos vídeos e relacionou com as dificuldades que a legenda das reportagens do JN apresenta.

**Fonte: Elaborado pela autora.**

Tendo esses apontamentos em vista, podemos afirmar que a maneira como cada participante percebe as reportagens mostradas está diretamente relacionada à sua história de vida, os contextos culturais em que cada um se constitui e que está inserido, bem como o processo educacional, a origem da deficiência, entre outros fatores. Então, as produções de sentidos não são as mesmas. Podemos exemplificar essa diferença, em termos práticos e de maneira breve, se compararmos a apreensão de sentidos dos participantes **1** e **6**, visto que **1** tem 50 anos, é mulher, nasceu surda, foi incentivada a falar oralmente e não compreende a Libras, ao passo que **6** tem 23 anos, é homem, adquiriu a surdez quando era criança e é bilíngue. Se basearmos em Perlin (1998), estamos nos referindo a identidades híbridas e, fazendo um paralelo com Santaella (1993), a percepção de cada participante se deu a partir de suas particularidades sensoriais, experiências e contextos socioculturais.

Portanto, os grupos focais trouxeram, para esta reflexão, entendimentos que podemos considerar ricos se levarmos em conta o objetivo de problematizar a percepção de telejornais por pessoas surdas, na medida em que os participantes possuem mais ou menos elementos de seus repertórios, como ter domínio sobre um idioma ou ser bilíngue, compartilhar dos códigos midiáticos televisivos etc, impactando diretamente em suas condições de compreensão dos conteúdos veiculados pelos telejornais. Por isso, o objetivo desta pesquisa não é estabelecer informações universais sobre a percepção de telejornais por parte dos espectadores surdos, mas levantar indícios práticos das discussões teóricas já realizadas até aqui. Nesse sentido, podemos, enfim, caminhar para as considerações finais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos e observações realizados, podemos afirmar que há vários desafios que o telejornalismo tem pela frente a respeito da inclusão da pessoa surda. É possível observar que existe pouca bibliografia acerca da relação entre o espectador surdo e o universo midiático e, a partir dos depoimentos dos participantes, podemos dizer que a sociedade, de modo geral, precisa ainda compreender como os indivíduos surdos se relacionam e lidam com o mundo, bem como respeitar sua cultura para que seja possível minimizar as falhas de comunicação e conseguir fazer com que a informação televisiva chegue ao público surdo.

Ressalto que, apesar de termos alguns indícios relevantes obtidos nos dois experimentos empíricos relatados, ainda temos um longo caminho a ser percorrido e explorado a respeito das diversas barreiras enfrentadas pelos surdos para acessar o conteúdo televisivo. É preciso analisar com mais detalhes os modos como esses espectadores percebem os telejornais, tendo como base as potencialidades e características visuais que não fazem parte do universo dos ouvintes.

Assim, consideramos muito importante determo-nos sobre a noção de percepção atrelada às experiências individuais, que se constroem por meio das particularidades sensoriais, experiências e contextos socioculturais que cada indivíduo está inserido, além de mencionarmos a questão da cultura, comunicação, codificação e decodificação de mensagens. Dessa forma, se referirmos aos telejornais que não possuem recursos de acessibilidade necessários, os surdos se encontrariam às margens do processo comunicativo da TV, sendo posicionados na periferia dos sistemas culturais da sociedade, além de mostrar um esforço prevalentemente unilateral (dos surdos) em compreender e se adequar à cultura ouvinte. Nesse caso, o telespectador surdo passa a inferir sobre o que está sendo noticiado apenas por meio da observação das imagens – sem um direcionamento discursivo a respeito do que está sendo exibido.

No entanto, esse cenário começa a mudar quando há a inserção do *closed caption*, que é voltado para telespectadores surdos oralizados e com agilidade na leitura em português. Vale observar que, por meio dessa legenda, o conteúdo não fica isento de influências dos subcódigos que fazem parte do código icônico proposto por Eco (1993). Além do uso do CC, o cenário televisivo muda ainda mais quando há a presença de um intérprete de Libras traduzindo o conteúdo oral para o visual. Podemos perceber que as imagens deixam de se referir somente a aspectos da percepção visual e passam a ter uma função verbal, ou seja, as imagens passam a ter direcionamentos e interferências por parte dos discursos, havendo uma inter-relação entre os códigos linguístico e icônico.



A presença da janela de Libras em um telejornal implica também em um reconhecimento e respeito aos diferentes processos comunicativos que se mostram além da sonoridade e enfatiza a concepção de que codificações e decodificações de mensagens podem ser realizadas e exploradas pelos outros sentidos humanos – desde que os interlocutores compartilhem experiências e conhecimentos em comum. Uma sugestão seria acrescentar um botão no controle remoto (como já existe para o CC), onde a tela da TV passa a dividir o espaço com uma janela de Libras – com a presença de um avatar ou intérprete.

Assim, para que o telejornal atinja efetivamente pessoas surdas, sua produção deveria contar com o auxílio dos próprios telespectadores, sendo necessário uma (re) invenção com a finalidade de compartilhar o universo cultural dos surdos em uma tentativa de aproximação e diálogo com o outro. É instigar um novo olhar sobre a surdez, desconstruir preconceitos, permitir e garantir o acesso às informações, compartilhar traços culturais e pensar em novas configurações de códigos da linguagem televisiva.

Nesse contexto de idealização de um telejornal (que abrange os mais variados públicos), ressaltamos o diálogo por parte dos telespectadores surdos com os processos televisivos já estabelecidos, uma vez que as culturas não existem de forma isolada, mas convivem com outras. Então, as experiências obtidas pelos processos comunicativos da TV dentro das culturas orais podem servir como base para o exercício de reflexão da função e atuação do telejornalismo dentro de outras culturas, como a cultura surda.

Considero também que, por mais que haja um esforço dos interlocutores envolvidos na busca pela melhora da informação televisiva, existirão os ruídos, que são inerentes ao processo comunicativo e se encontram em maior ou menor grau. De acordo com Pinto (2002), o surgimento do ruído se dá a partir da permediatividade do signo, que medeia e permedeia. Ou seja, “o ruído é a capacidade de produzir sentido que tem o ato falho. O ruído é uma quebra de gramaticalidade que, se bem feita, garante uma significação ampliada” (PINTO, 2002, p. 38). Sendo assim, não há garantias na produção das mensagens, muito menos em sua recepção.

Vale reafirmar que o fator central e preocupante deste trabalho são as barreiras que impedem às informações televisivas chegarem às pessoas surdas – se levarmos em conta que a TV, no Brasil, continua sendo a principal fonte de informação da população (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2016). Por esse motivo, tanto a presente pesquisa quanto outros trabalhos já realizados buscaram contribuir para a compreensão acerca dos processos de percepção do espectador surdo, em especial sua relação com a mídia. Entendemos serem urgentes e bem vindos estudos minuciosos que podem efetivamente ajudar a iluminar os desafios para a inclusão tanto de quem tem surdez como outros tipos de

deficiência, pois cada indivíduo possui especificidades que necessitam ser respeitadas e reconhecidas pela sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sérgio Tibiriçá; SOUZA, Mariana Custódio de. O direito de ouvir com os olhos nas TVs brasileiras de sinal aberto. In: **Intertemas**, v.12, Presidente Prudente, p. 357-386, 2007.
- ARANHA, M.S.F. **Inclusão social e municipalização**. In: Novas Diretrizes da Educação Especial. São Paulo: Secretaria Estadual de Educação, p. 12-17, 2001.
- ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. Por um modelo de legendagem para surdos no Brasil. In: **Tradução e Comunicação**, nº 17, Ceará, p. 59-76, 2008.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15290**: Acessibilidade em comunicação na televisão. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <[http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield\\_generico\\_imagens-filefield-description%5D\\_17.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_17.pdf)>. Acesso em 03 jun. 2017.
- BAITELLO Jr., N. A cultura do ouvir. In: ZAREMBA, L.; BENTES, I. (Org.). **Rádio Nova**: constelações da radiofonia contemporânea. Rio de Janeiro: UFRJ; ECO; Publique, 1999. v. 3, p. 53-69.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- BISOL, C. A.; VALENTINI, C. B. **Surdez e Deficiência Auditiva - qual a diferença?** Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em <[http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA\\_SURDEZ\\_Surdez\\_X\\_Def\\_Audit\\_Texto.pdf](http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf)>. Acesso em: 13 abr.2017.
- BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo. 2009.
- BRASIL. **Educação Especial Deficiência Auditiva: Série Atualidades Pedagógicas** / organizado por Giuseppe Rinaldi et al. - Brasília: SEESP, 1997. Disponível em <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/20264.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2017.
- BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 de dez. 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm)>. Acesso em: 20 ago. 2017.
- BRASIL. Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em 18 jun. 2017.
- BRASIL, Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006. Aprova a Norma Complementar nº 01/2006 - Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão.

**Diário Oficial da União**, Brasília, 28 jun. 2006. Disponível em <<http://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/442-portaria-310>>. Acesso em 03 jun. 2017.

BRASIL. Portaria nº 188, de 24 de março de 2010. Altera a redação da Norma Complementar nº 01/2006 – Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão, aprovada pela Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 mar. 2010. Disponível em <<http://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/443-portaria-188>>. Acesso em 03 jun. 2017.

BRASIL. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2017.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos**. 2. ed. / coordenação geral SEESP/MEC. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRITO, L. F. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. 2ª ed., SP: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CHAUÍ, M. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, A. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 31-64.

COUTINHO, Eduardo. A astúcia. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Rede Imaginária**. São Paulo: Cia. das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991, p. 279-285.

CUNHA, Karina Miranda Machado Borges. O discurso, o surdo e os recursos de acessibilidade nos programas televisivos. **Revelli**, v. 4, nº 2, Goiás, 2012, p. 89-101.

DAVIS, Jeffrey. E. **Translation Techniques in Interpreter Education**. In ROY, C. Innovative practices for teaching sign language interpreters, Washington DC: Gallaudet University Press 2002.

DIAS, V. L. L. **Rompendo a barreira do silêncio**: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental. 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. Telejornais: quem dá o tom? In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.) **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009, p 61-74.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula**: a cooperação interativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva. 1983.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ENFIELD, Sue; HARRIS, Alison. **Disability, Equality and Human Rights: A Training Manual for Development and Humanitarian Organisations**. Oxford: Oxfam e Action Aid on Disability and Development, 2003.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, 2009.

FELIPE, T. **LIBRAS em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRFICA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

JESPERS, Jean-Jaques. **Jornalismo televisivo**. Coimbra: Minerva, 1998.

LIMA, Priscila Augusta; VIEIRA, Therezinha. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006. 176p.

LOPES, L.P.M. Discursos de identidade em sala de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado das Letras/ FAPESP/FAEP, 2001.

MAGALHÃES JR., Ewandro. **Sua majestade, o intérprete – o fascinante mundo da tradução simultânea**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MAYER, Flavia Affonso. **Imagem como símbolo acústico**: a semiótica aplicada à prática da audiodescrição. 2012. 145f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012 Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Comunicacao\\_MayerFA\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Comunicacao_MayerFA_1.pdf)>. Acesso em 26 ago. 2017.

MOURA, M. C. (2000). **O surdo: caminho para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America**: voices from a culture. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 51-73.

PINTO, Julio Cesar Machado. **1, 2, 3 da Semiótica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995

PINTO, Julio. **O ruído e outras inutilidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PINTO, Julio. **Semiótica: Doctrina Signorum**, 2009.

PLAZA, Julio. **A tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PORCELLO, Flávio. **Mídia e poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da TV?** . Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Vol. 1, nº31, 2006. Disponível em <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/1115/828>>. Acesso em 23 de set. de 2017.

PRETI, Dino. A Linguagem da TV: o impasse entre o falado e o escrito. In: NOVAES, Aduino (Org.). **Rede Imaginária**. São Paulo: Cia. das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991, p. 232-239.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: 2008. Disponível em <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua\\_de\\_Sinais\\_II\\_para\\_publicacao.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf)>. Acesso em: 19 abr. 2017.

REDE GLOBO. **Jornal Nacional**: apresentação do jn [S. l.]: Do Autor, 17 ago. 2017. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/08/17.html#!v/6086438>>. Acesso em 18 de set. de 2017.

REDE GLOBO. **Jornal Nacional**: reportagem do jn com *closed caption* ativado [S. l.]: Do Autor, 20 ago. 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/08/20.html#!v/5250438>>. Acesso em 21 ago. 2016.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. AS PALAVRAS NA TV Um exercício autoritário?. In: NOVAES, Aduino (Org.). **Rede Imaginária**. São Paulo: Cia. das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991, p. 240-256.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **A percepção: uma teoria semiótica**. São Paulo: Experimento, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1988.

SCHLÜNZEN, Elisa; BENEDETTO, Laís; SANTOS, Danielle. **História das pessoas surdas: da exclusão à política educacional brasileira atual**. Conteúdos e didática de Libras, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, p. 49-55. Disponível em <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1\\_d24\\_v21\\_t02.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1_d24_v21_t02.pdf)>. Acesso em 23 abr. 2017.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Pesquisa brasileira de mídia 2016**. Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira:

2016. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>> Acesso em 5 maio 2017.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In:

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998, p. 7-32.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

TV BRASIL. **Visual**: apresentação do visual com claudia jacob [S. l.]: Da Autora, 21 ago. 2017. Disponível em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/visual/2017/08/visual-21082017>>. Acesso em 14 de set. 2017.

TV BRASIL. **Visual**: apresentação do visual com claudia jacob e jhonatas narciso [S. l.]: Da Autora, 29 ago. 2017. Disponível em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/visual/2017/08/visual-29082017>>. Acesso em 14 de set. 2017.

TV BRASIL. **Visual**: reportagem do visual sobre o mascote vinícius [S. l.]: Da Autora, 17 ago. 2016. Disponível em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/visual/episodio/visual-17082016>>. Acesso em 18 ago. 2016.

TV BRASIL. **Visual**: transmissão do visual com intérprete de libras [S. l.]: Da Autora, 02 jun 2017. Disponível em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/visual/2017/06/visual-02062017>>. Acesso em 04 jun. 2017.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana**: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix, 1989.

**APÊNDICE A – Questionário sobre o participante do grupo focal**

1. Nome
2. Idade
3. Estado civil
4. Profissão/ ocupação
5. Cidade de origem/ onde reside
6. Nasceu surdo (a) ou adquiriu a surdez?
7. Frequentou escola comum ou especial? Por quanto tempo?
8. Você tem domínio sobre a Libras? Se sim, como aprendeu?
9. Você tem domínio sobre a Língua Portuguesa? Se sim, como aprendeu?
10. Se você é bilíngue, qual idioma aprendeu primeiro?
11. Você tem o hábito de assistir televisão? Se sim, quais programas você mais assiste?
12. Você assiste telejornais? Se sim, quais costuma ver?
13. O *closed caption* é ativado?
14. Quantas vezes por semana você assiste?
15. Você já assistiu o Visual, da TV Brasil? Gosta?
16. Você já assistiu o Jornal Nacional, da Rede Globo? Gosta?



**APÊNDICE B – Questionário semiestruturado aplicado após a exibição das reportagens**

1. O que entendeu da reportagem sem a legenda? E com a legenda?
2. Qual é a sua opinião sobre a tarja preta e caracteres brancos?
3. O tamanho do CC é adequado?
4. Aprendeu alguma palavra nova? Se sim, como soube o que significava?
5. O que você pensa sobre a velocidade da legenda?
6. O que entendeu da reportagem com a janela de Libras?
7. Você conhece os sinais que o intérprete fez?
8. Há algum sinal que você não conhecia?
9. Você aprendeu sinais novos? Se sim, como soube o que significavam?
10. As imagens que passaram do lado do intérprete ajudaram você a entender os assuntos retratados nos vídeos do Visual?
11. Qual é a sua opinião sobre o JN?
12. Qual é a sua opinião sobre o Visual?
13. O tamanho da janela de Libras é adequado?
14. Você se sentiu informado?
15. As reportagens trazem o dia-a-dia das pessoas surdas?
16. O que gostaria que fosse mostrado no Visual? E no JN?
17. Sugere alguma mudança nos dois telejornais?